

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ÉVELY DA SILVA QUEIROZ

**A CONSTRUÇÃO DE SI ENQUANTO PSICÓLOGO NAS VIVÊNCIAS EM UM
ESTÁGIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Uberlândia

2025

ÉVELY DA SILVA QUEIROZ

A CONSTRUÇÃO DE SI ENQUANTO PSICÓLOGO NAS VIVÊNCIAS EM UM
ESTÁGIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como um pré-requisito para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Tommy Akira Goto

Uberlândia

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memorian*), que sempre, desde muito cedo me mostrou o caminho quando me trazia nas aulas de sua pós-graduação. À minha mãe, que sempre cuidou de mim com muito carinho. Ao meu pequeno Ariel.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, com quem aprendi as primeiras letras e números. Agradeço o apoio da minha mãe e dos meus irmãos, por ajudarem a cuidar em todo o tempo do meu filho Ariel, por todo apoio e carinho. Ariel, saiba que você foi um dos maiores motivos da mamãe estar aqui, concluindo esta etapa final. Quando você crescer e ler estas palavras, saiba que o meu amor foi, é e sempre será infinito.

Ao meu professor e orientador Dr. Tommy, muito atencioso em suas aulas, por todo conhecimento passado durante as disciplinas do curso e pelo privilégio de ser sua orientanda, graças ao seu estímulo, carinho e orientação fez com que este trabalho de conclusão de curso tomasse forma. Aos professores e doutores em Psicologia: Tatiana Benevides, Maristela Pereira, Luciana Pereira, Anamaria Neves, Sílvia Cintra, Anabela Peretta, Viviane Buiatte, Ligia Galvão, Miriam Tachibana, Ricardo Wagner, Ederaldo e Renata Ferrarez. Vocês fizeram a diferença em minha formação acadêmica. Muitos momentos foram construídos e vividos junto com pessoas que conheci, e que me ajudaram de alguma forma.

Aos programas de assistência estudantil da Universidade Federal de Uberlândia, que garantiram minha permanência. Aos meus professores e colegas de classe que me apoiaram nos momentos difíceis. À biblioteca e ao laboratório de informática, que possibilitaram que eu tivesse momentos de estudo e reflexão, e que escrevesse meus trabalhos ao longo das disciplinas.

HOMENAGENS

Aos psicólogos que me inspiraram e iluminaram meus pensamentos quando eu estava descobrindo o ver e desver do mundo. A minha psicóloga, por tanto e sempre, pela empatia e paciência, quando eu precisei respirar, pelas ideias e novas perspectivas. E por me acompanhar nessa longa construção que é o se tornar psicóloga.

EPÍGRAFE

“O tempo é muito lento para os que esperam
Muito rápido para os que tem medo
Muito longo para os que lamentam
Muito curto para os que festejam
Mas, para os que amam, o tempo é eterno.”

— William Shakespeare

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Método.....	16
3. Narrativas do Diário de anotações de um estágio em Psicologia Clínico-Social.....	18
3.1. O começo de tudo: a experiência inicial.....	20
3.2. O início do Estágio Profissionalizante: uma experiência desafiadora.....	22
4. Vivências Na Supervisão Coletiva de um estágio	27
5. Vivências na Supervisão Individual: meus primeiros passos.....	32
6. Vivências com pacientes: de pessoa a pessoa.....	40
7. Minhas Percepções Sobre A Postura Do Psicólogo	51
8. Considerações finais: Articulação da Problemática, Abordagem e Resultados.....	54
9. Referência Bibliográfica	59
10. Anexo.....	64

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**A construção de si enquanto psicólogo, nas vivências em um Estágio: Um Relato de Experiência****RESUMO:**

Este trabalho é um relato de experiência que se propõe a refletir na perspectiva da psicologia clínica, a partir do olhar e experiências vivenciados e sobre os aprendizados enquanto estagiária da clínica-escola do curso de Psicologia. É um contínuo elaborar das expectativas, frustrações, angústias, alegrias e surpresas que em mim se fizeram presentes ao longo desse período. O referencial teórico que guia este trabalho é a Fenomenologia, utilizando o método da Historiobiografia, em diálogo com pensadores como Heidegger, Arendt e, principalmente, Critelli. O objetivo deste estudo é, a partir das reflexões tecidas durante o período de estágios, pensar sobre a clínica psicoterapêutica com base na abordagem fenomenológica-existencial. Os diálogos com a fenomenologia aqui presentes, são essenciais para dar sentido à narrativa que apresento. Aqui, escrevo relatos em primeira pessoa sobre o caminho que percorri até agora como estagiária de psicologia.

Palavras-chave: Psicologia; Fenomenologia; Historiobiografia; Estágio supervisionado; Graduação.

ABSTRACT: This work is an experience report that aims to reflect on the perspective of clinical psychology, based on the perspective and experiences lived and on the learnings as an intern at the teaching clinic of the Psychology course. It is a continuous elaboration of the expectations, frustrations, anxieties, joys and surprises that were present in me throughout this period. The theoretical framework that guides this work is Phenomenology, using the method of Historiobiography, in dialogue with thinkers such as Heidegger, Arendt and, mainly, Critelli. The objective of this study is, based on the reflections woven during the internship period, to think about the psychotherapeutic clinic based on the phenomenological-existential approach. The dialogues with phenomenology present here are essential to give meaning to the narrative that I present. Here, I write first-person accounts of the path I have taken so far as a psychology intern.

Keywords: Psychology; Phenomenology; Historiobiography; Supervised internship; Graduation.

RESUMEN: Este trabajo es un relato de experiencia que pretende reflexionar sobre la perspectiva de la psicología clínica, a partir de la perspectiva y experiencias vividas y de los aprendizajes como pasante en la clínica docente del curso de Psicología. Es una elaboración continua de las expectativas, frustraciones, angustias, alegrías y sorpresas que estuvieron presentes en mí a lo largo de este período. El marco teórico que guía este trabajo es la Fenomenología, utilizando el método de la Historiobiografía, en diálogo con pensadores como Heidegger, Arendt y, principalmente, Critelli. El objetivo de este estudio es, a partir de las reflexiones tejidas durante el período de pasantía, pensar la clínica psicoterapéutica a partir del enfoque fenomenológico-existencial. Los diálogos con la fenomenología aquí presentes son esenciales para dar sentido a la narrativa que presento. Aquí, escribo relatos en primera persona del camino que he recorrido hasta ahora como pasante de psicología.

Palabras clave: Psicología; Fenomenología; Historiobiografía; Prácticas supervisadas; Graduación.

INTRODUÇÃO

O estágio profissionalizante em Psicologia é uma etapa de grande importância na construção do se tornar psicólogo, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para articular teoria e prática. É durante o estágio que temos a oportunidade de nos aproximar da prática profissional cotidiana de ser psicólogo, desenvolver potencialidades e lidar com as nossas expectativas e angústias da formação profissional. Ainda, com isso vivenciamos alegrias, revisitamos desejos, fazemos planos e aprimoramos habilidades.

Para a integralização curricular e, após a conclusão do curso de formação de psicólogo, a obtenção do título com registro no conselho da categoria, o estudante de Psicologia deverá ter cumprido todas as disciplinas obrigatórias, que funcionam como embasamento teórico e preparação para a etapa do estágio. Nesse sentido, os serviços-escola configuram-se como uma exigência pelo Ministério da Educação para regulamentação dos cursos de psicologia. O espaço do serviço-escola passa a ser um local de referência para a comunidade e, muitas vezes, está conveniado com a Rede do Sistema Único de Saúde (SUS), conforme lei 4.119 (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2001; Reis Filho & Firmino, 2007).

Assim, quando nós alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), estamos nos períodos iniciais, passamos por uma etapa de conhecimento das teorias psicológicas e abordagens clínicas. Ao final, quando já estamos chegando perto do estágio supervisionado profissionalizantes, em especial da ênfase de Psicologia Clínica, há a escolha da abordagem que iremos utilizar como referencial no raciocínio teórico-prático e na condução do atendimento com o paciente. O enquadramento do atendimento, o processo de ensino/aprendizagem, e a habilitação de psicólogos para o exercício clínico são aspectos fundamentais para o desenvolvimento do aluno-estagiário.

Pode-se dizer que esse momento de estágio supervisionado é uma experiência enriquecedora, tanto em termos profissionais quanto pessoais, apesar de acontecer apenas praticamente no último ano do curso. A vivência do estagiário também envolve fatores como a sua própria insegurança, que são extremamente relevantes para a construção da identidade enquanto profissional e sempre estarão presentes no curso da profissão, que se elabora através de reflexões, escutas e leituras contínuas.

Situando minha área de estudo e estágio, a abordagem fenomenológico-existencial, especificamente de perspectiva heideggeriana, se apresenta como uma possibilidade relevante para a aplicação clínica. Este modelo busca compreender as vivências subjetivas do indivíduo, enfatizando a singularidade de cada experiência. É uma linha de experiência, de perspectiva, de raciocínio, cuja desconstrução do pensamento tradicional tem como princípio a busca pela essência das coisas mesmas. Assim, através de uma supervisão e auxílio do professor supervisor, gradativamente vamos sendo preparados para o exercício da profissão. Nesse espaço de atendimentos e de supervisões podemos conversar sobre as questões do paciente que nos atravessam, elaborar reflexões e propostas de intervenção.

Ao integrar a fenomenologia existencial heideggeriana em minha formação e prática, vislumbro uma nova forma de olhar para as demandas e necessidades dos pacientes. Essa abordagem não apenas enriquece minha compreensão teórica, mas também me prepara para oferecer um atendimento que valoriza a experiência única de cada indivíduo, um processo terapêutico que respeita a complexidade do ser humano.

Este estágio clínico aconteceu no período de abril a agosto de 2022, no Centro de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CENPS UFU). Cabe explicitar que o serviço-escola tem o objetivo de oferecer estágios para formação clínica e, além disso, prestar serviços gratuitamente à comunidade, servindo também como um campo de estudos para a pesquisa científica. Então, decorrente dessa experiência foi proposto então, como objetivo deste trabalho de conclusão de curso (TCC), refletir em narrativas pessoais, escritos em primeira pessoa, a minha experiência prático-formativa de estagiária em Psicologia.

Durante o tempo que passei como estagiária em Psicologia, vivi momentos que moldaram não apenas minha formação acadêmica, mas também minha percepção sobre a profissão e sobre mim mesma. Neste trabalho de conclusão de curso (TCC), serei guiada pela narrativa pessoal, descrevendo as experiências que marcaram minha trajetória no estágio e as reflexões que delas surgiram.

O meu tema de TCC começou muito antes dos estágios acadêmicos. Iniciou em minha história pessoal com a psicologia, ou seja, foi se desenvolvendo em meu percurso na graduação, até que chegou o momento de realizar os estágios. No contato com os pacientes, ao realizar os estágios, e no diálogo com as reflexões teóricas proporcionadas pela fenomenologia, é possível entrelaçar e construir sentidos, às minhas reflexões, percepções e

afetos. Assim, ter passado pela experiência de ser aluna de estágio em Psicologia clínico-social na abordagem fenomenológico-existencial do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia foi bastante relevante em minha trajetória enquanto futura psicóloga, na construção de um olhar científico, mas humanístico e, na construção das representações teóricas adquiridas ao longo do curso.

A Fenomenologia, filosofia fundada pelo matemático e filósofo Edmund Husserl, pode enquanto método rigoroso auxiliar metódico-teoricamente o psicólogo a questionar o fundamento de suas práticas de atuação e ainda refletir sobre a importância da investigação do raciocínio teórico-prático (Goto, 2015). Sendo assim, em algumas abordagens tem-se o entendimento que método fenomenológico para o campo da Psicologia clínica (Psicoterapia) passa a levar em consideração o sentido ou o significado da vivência atribuídos pelo paciente. Dessa forma, os fenômenos psicológicos poderão ser, intencionalmente, a procura pelo sentido das coisas no mundo vivido (Orengo, Holanda, Goto, 2020).

Todavia, a Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, cujo caminho se deu por análises ontológicas e existenciais, define o ser humano como o *Dasein*, ou seja, um ente doador de sentido para as coisas, que formula perguntas sobre si mesmo e sua existência. O "ser" se refere aos modos de existir, suas possibilidades, enquanto o "ente" corresponde à existência concreta no mundo. Para compreender o "ser", precisamos analisar o "ente", como insiste Heidegger, uma vez que ele envolve as questões concretas do "ser". É um ser questionador em sua essência, e por isso mesmo pode compreender o ser em sua existência, o seu modo-de-ser. Sendo assim, compreende que o ser é temporalizado, e que está sujeito a liberdade e responsabilidade de realizar escolhas próprias, considerando as possibilidades que se lhe apresentam (Heidegger, 2005).

Ainda, para Heidegger (2005), o *Dasein* tem sua existência como ser-no-mundo, e assim existe dentro de um contexto já pré-determinado, sendo possível estar e compreender o seu cotidiano. Podemos compreendê-lo como um ente inserido em uma sociedade, em outras palavras, o *dasein* é o ser que nós mesmos somos. Nessas condições, o *Dasein* pode vivenciar um conjunto de experiências que condizem com o seu modo de ser, ou seja, com as suas condições existenciais, tais como: ser-com-outro, ser-para-a-morte, estar afinado no mundo e que podem trazer-lhe ânimo, alegria, angústia, tristeza. Ainda, o cuidado (cuidar) que é para Heidegger um modo privilegiado do *Dasein*, ou seja, uma estrutura fundamental da existência humana.

O cuidado não se refere simplesmente a preocupações práticas ou técnicas, mas é uma forma mais profunda de compreender como os seres humanos existem no mundo, mais especificamente, em relação à dimensão relacional do cuidado, que inclui nossa preocupação com os outros e, nós mesmos. A leitura e o acolhimento do outro, traz à tona a técnica. Enfim, o *Dasein* é um ser de possibilidades, já que transforma e é transformado pelo mundo que o cerca, e se desenvolve através das relações estabelecidas ali. Critelli (1991) faz uma contextualização sobre a diferença entre o ente e o ser:

Esqueceu-se que ser não é uma substância, nem mesmo abstrata; que não é um objeto, uma coisa; que ser é simplesmente o modo daquilo que é. O ser não é uma forma substantiva, mas verbal. Ser não é um substantivo, apenas o verbo ser na sua forma infinitiva. Ser é movimento; ser é sendo. Por ser modo de estar sendo do ente, por ser possibilidade em aberto, o ser não pode ser precisado, objetivado, aprisionado num único sentido. (Critelli, 1981, p. 14).

O *Dasein* então é o modo como estamos inseridos no mundo que nos rodeia, enquanto um ser-no-mundo que compõe a realidade da existência humana a partir da sua linguagem, da sua cultura, como por exemplo histórias, objetos, pessoas, ideias. Partindo da existência concreta, o ser envolve e é, ao mesmo tempo, envolvido pelo mundo e pelos elementos percebidos e mediados através da experiência, e dessa forma, a experiência humana está condicionada às possibilidades que se lhe apresentam, pois é assim que o ser constrói a sua experiência e a sua relação com as coisas, Mondin (1977).

A realidade que se apresenta no mundo diante do ser media a sua compreensão dos fatos e, a partir daquilo que se mostra, abre-se lhe a possibilidade de situar-se perante o mundo. Desse modo, a compreensão do mundo está estritamente relacionada com nossa capacidade de sermos afetados pela nossa disposição em interpretarmos as coisas, e dessa relação com o mundo, temos a oportunidade de conhecer a nossa própria essência nesse processo, Heidegger (2005). A existência é, dessa forma, algo que se desvela em sua trajetória, nas relações que estabelece com o mundo (Nunes, 1986).

Nenhum outro ente, além do *Dasein*, tem a possibilidade de dar sentido à sua própria existência. Já o mundo, não pode ser compreendido apenas como um local pois ele corresponde ao modo de ser e de existir do *Dasein* em sua totalidade (Heidegger, 2009, p. 256). Assim sendo, podemos nos abrir a entender o ente que nós mesmos somos, o qual na perspectiva heideggeriana chamamos de *Dasein*, o nosso modo-de-ser, o mundo que nos rodeia, as possibilidades que surgem através dele, e o nosso modo de ser-no-mundo.

Como ser-no-mundo, o *Dasein* pode ser pensado como um ser inserido em uma sociedade, comunidade, dentro de uma realidade concreta (econômica, histórica e cultural) e nas relações construídas ali. E é nesse contexto que podemos dar sentido às coisas, assim como também apreender conceitos (Heidegger, 2009a, p. 328), descobrir a significatividade: "[...] A significatividade é aquilo-em-relação-a que o mundo, como tal, é aberto. [...]" (Heidegger, 2012a, p. 407). A unidade desta significatividade constitui a estrutura do mundo onde o *Dasein* desdobra seu ser como tal (Heidegger, 2012a, p. 261; 989).

Temos aí a possibilidade de conhecer e interpretar o mundo que nos rodeia, a partir da forma como se apresenta a nós. O conhecimento científico é uma maneira de investigar a realidade a partir de como ela se manifesta. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo relatar e refletir a experiência pessoal de estudante-estagiária no âmbito do serviço-escola do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Mais especificamente, busquei trazer reflexões acerca de minhas vivências durante o período do estágio profissionalizante realizado no 8º período, utilizando da narrativa como fonte de compreensão da experiência de um estágio realizado na clínica fenomenológica na prática.

Neste trabalho, relatei, em formato de narrativas, minhas anotações e recordações no estágio psicoterapêutico, minhas impressões sobre essas recordações, reflexões e interpretações à luz da fenomenologia-existencial. Assim, traçarei sentidos para a autoria dessas histórias, as quais são construídas em conjunto com os coautores, nos relatos. Ainda, sobre essa questão, Dulce Critelli (2012) indica três guias de viver: Relatos, Historietas e Histórias. A história pessoal se constitui nessas narrativas. Nesse contexto, a história e a biografia são facetas da existência humana.

A fundamentação teórica é a base conceitual e teórica que sustenta uma pesquisa ou um estudo. Ela consiste em revisar e analisar as teorias relevantes e os estudos relacionados ao tema em questão. Ela permite ao pesquisador obter uma compreensão do assunto e situar

sua pesquisa em um contexto de conhecimento existente. Facilita também que o leitor encontre novas perspectivas em relação ao tema. Assim, os primeiros tópicos discorrerão acerca da clínica fenomenológico-existencial, sendo aí um fenômeno a ser assimilado pelo estudante do primeiro semestre de estágio. A seguir, encontraremos a experiência ontológica do estagiário de psicologia, suas expectativas, aprendizados e afetos. E por fim, apresento algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo clínico-social.

MÉTODO

Esse estudo trata-se de um trabalho de cunho fenomenológico-existencial e, com base nessas experiências, do tipo qualitativa. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa parte de questões ou focos de interesses amplos que se estabelecem ao longo do desenrolar de um estudo. Ao invés de medir ou enumerar os eventos, constrói sua análise a partir dos dados obtidos no contato do pesquisador com os eventos. A compreensão dos fenômenos é produzida na experiência do sujeito.

O caráter qualitativo deste estudo pretendeu facilitar a compreensão didática da experiência narrativa, ou narrativa das vivências desses relatos. Diante disso, justifica-se a necessidade de apontar a relevância deste tema, e para além desse fato, será possível identificar oportunidades para contribuir com novos conhecimentos, em diferentes teorias e estudos, para situar e ampliar a compreensão da temática aqui discutida.

A metodologia escolhida para orientar este estudo foi a “Historiobiografia”, um método desenvolvido pela filósofa Dulce Critelli, de cunho fenomenológico-existencial. O seu objetivo é apresentar as narrativas construídas em primeira pessoa do singular, de forma particular, delineando as reflexões, percepções e afetos (Critelli, 2012). De acordo com Dulce Critelli (2012), o método Historiobiográfico também tem um caráter terapêutico-educativo, porque evidencia as experiências, redescobertas e significados, valorizando a reflexão do sentido da vida por meio das narrativas da história pessoal.

Ainda, diferente de uma mera autobiografia ou de um memorial acadêmico, a historiobiografia não busca a reconstrução linear do vivido, mas o reconhecimento de uma identidade que se constitui pela narrativa do sentido existencial atribuído à experiência.

Como lembra Critelli (2012), trata-se de uma escrita em que “ser é sendo” — portanto, em contínuo devir e rememoração afetiva.

Esse método está vinculado a uma abordagem terapêutica baseada na filosofia fenomenológica existencial, fundamentada na experiência pessoal. Para Critelli, a fenomenologia hermenêutica, desenvolvida por Martin Heidegger (1889-1976) e Hannah Arendt (1906-1975) desenvolveu-se sob uma visão ontológica e existencial, favorecendo assim a descrição da realidade e o conhecimento do mundo, elementos essenciais para a compreensão da experiência pessoal. Nesse sentido, a proposta de Dulce Critelli parte do pressuposto de que a forma como falamos e narramos nossa história vai ressignificando e desvelando o sentido que atribuímos aos fatos. Por outro lado, a construção dos sentidos ocorre por meio da palavra, já que a experiência humana é representada dessa maneira (Critelli, 2012).

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizei como guia as minhas anotações pessoais dos atendimentos e relatórios elaborados ao longo do período de estágio na clínica. Essas anotações serviram não apenas como um registro das experiências vividas, mas também como um ponto de partida para reflexões mais profundas sobre o processo terapêutico, foram fundamentais para a construção da narrativa, da historiobiografia, realizadas a partir da perspectiva fenomenológica-existencial. A medida em que lia os registros, acessava as recordações e revisitava cada um dos atendimentos que realizei. Essas anotações foram um instrumento essencial para nomear sentimentos, dar sentidos, construir significados e conseguir escrever sobre o que vivenciei em forma de narrativas.

Ao compor essa narrativa, busco conectar meu percurso profissional às vivências dos pacientes, refletindo sobre como suas histórias de vida ressoam nas minhas próprias experiências. A combinação das minhas anotações, memórias de estágio e as reflexões teóricas oferecem um panorama que, assim espero, contribua significativamente para a discussão sobre a prática clínica sob a perspectiva fenomenológica-existencial.

Nesse sentido, mantivemos a perspectiva fenomenológica-existencial, ao relatar a experiência descritiva contada por meio de palavras que trazem os significados em primeira pessoa. É uma investigação fenomenológico-hermenêutica porque é narrativo, ao escrever o próprio momento rememorado. Essas narrativas foram distribuídas em unidades de sentido. A medida em que o evento marca no espaço a transcrição de um símbolo no tempo cronológico

que é impresso, é que se inscreve uma significância. Dessa maneira, ocorrerá uma síntese entre a impressão registrada no presente momento e sua recordação.

3. Narrativas do Diário de anotações de um estágio em Psicologia Clínico-Social.

No final do curso de Psicologia, mais precisamente no 8º período, tive a tão aguardada experiência enquanto estagiária, e assim comecei a me perguntar sobre a importância de ter um olhar crítico e reflexivo no momento final do estágio profissional. Também fui tomada por certos questionamentos sobre a postura e posição ideal. Ao iniciar o período de busca pelos estágios, nós alunos somos convidados a escolher um professor orientador, dentro da ênfase selecionada. Escolhi fazer a ênfase em Psicologia clínica, e dentre as abordagens disponíveis optei pela que tinha mais familiaridade: a fenomenológica-existencial. Assim, dentre as opções que o instituto oferecia na época dentro dessa perspectiva, me inscrevi no estágio com uma professora supervisora.

Desde o início da graduação, imaginava como seria quando começasse a atender na clínica. Ao observar os veteranos que falavam sobre suas experiências no atendimento clínico, fiquei interessada em como eu poderia começar minha carreira como psicóloga. Sempre me preocupei em me dedicar ao máximo. Fui aluna de uma escola pública durante minha formação, por isso ao ingressar em uma universidade federal, também tive que solicitar recursos das ações afirmativas para alunos de baixa renda. Esses recursos foram essenciais para que eu pudesse concluir minha graduação.

A jornada acadêmica é um processo repleto de desafios e descobertas, e no meu caso, esses elementos se intensificaram pela necessidade de conciliar estudos e uma maternidade atípica (meu filho é autista). Ao longo dessa trajetória, fui encontrando recursos, tanto financeiros quanto pessoais, que me auxiliaram a garantir minha permanência na universidade. Este cenário exigiu de mim uma habilidade constante de adaptação e resiliência.

Nos primeiros períodos, o desafio foi acentuado pela pressão de ajustar meu tempo às diversas responsabilidades. Cuidar de mim mesma, lidar com as demandas do “maternar”, frequentar as aulas e, ainda, trabalhar durante a graduação tornaram-se tarefas que muitas vezes pareciam impossíveis de serem equilibradas. Essa multiplicidade de funções impactou

diretamente meu desempenho e, especialmente, o período de estágios, momentos cruciais para a formação de qualquer estudante de psicologia.

Diante dessas dificuldades, percebi a necessidade de desconstruir meus ideais sobre o que significa ser uma estudante em uma universidade pública. Aquilo que eu havia imaginado para minha experiência acadêmica não condizia com a realidade que vivia, o que abriu espaço para inúmeras reflexões. A leitura de textos relevantes, assim como as falas inspiradoras de alguns professores, foram fundamentais para moldar esse novo entendimento. Além disso, a terapia e a convivência com colegas que compartilhavam experiências semelhantes contribuíram significativamente para o desenvolvimento de um pensamento mais questionador e crítico.

Essas reflexões me levaram a elaborar uma postura ativa na busca pela formação enquanto futura psicóloga. A compreensão de que minha trajetória é única e que as dificuldades são parte integrante desse processo me permitiu valorizar cada conquista, por menor que fosse. O caminho não foi linear, mas cada obstáculo enfrentado se transformou em uma oportunidade de crescimento e aprendizado.

Fui tomando consciência de que, só seria possível frequentar, permanecer e concluir o curso se eu tivesse acesso aos recursos que me propiciassem as condições básicas e fundamentais, necessárias (financeiras, cognitivas, afetivas, sociais) para o meu desenvolvimento enquanto estudante. Contudo, em meio ao percurso, descobri que, embora inicialmente eu não tivesse todos esses elementos de imediato, em sua total dimensão, eu encontraria formas de construir possibilidades para incorporar e ampliar esses aspectos, e que inclusive eu poderia encontrar esse “caminho das pedras”, isto é, os caminhos nos quais eu encontraria informações e meios de permanência.

Quando me recordo desses detalhes que compuseram essa etapa na universidade, percebo que a combinação de todos esses elementos me fortaleceu, não apenas como estudante, mas como mãe e profissional em formação. Aprendi que a resiliência e a capacidade de adaptação são essenciais, e que ao compartilhar essas experiências – tanto as alegrias quanto as dificuldades – é uma forma poderosa de construir e fortalecer nossa caminhada. Minha trajetória acadêmica, embora marcada por desafios, é também repleta de conquistas que me impulsionam a seguir em frente, determinada a descobrir novas possibilidades.

No começo da graduação, não imaginava que surgiriam tantos desafios, e em vários momentos, desejei encontrar possibilidades de enfrentamento e resistência, além de recursos financeiros suficientes que garantissem minha permanência na universidade (vale transporte, vale alimentação, acesso aos livros, internet, computador, de forma contínua). A busca por alternativas, como grupos de estudos ou empréstimos entre colegas, era insuficiente por muitas vezes. Enfrentei momentos de angústia ao perceber que não dispunha de um equipamento adequado ou de uma conexão de internet estável, pois no início não havia wifi para os alunos no bloco da psicologia. Era difícil encontrar uma rede de suporte que amparava os estudantes de classe social menos privilegiada.

Para mim, estudar em uma universidade pública era uma forma de procurar respostas para, pelo menos, algumas das questões que permeavam a minha realidade, e para além disso, compreender as questões de acessibilidade, transitabilidade e comunicabilidade na universidade (e de quem não conseguiu ter acesso a ela), das pessoas que estavam em sofrimento devido a circunstâncias que poderiam ser transformadas ou não, mas que independente disso, seria possível gradativamente perceber, atribuir sentidos, agir sobre a realidade e resignificando, me aprimorar.

3.1 – O começo de tudo: a experiência inicial

A grade curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nos proporciona a experiência de ter contato com o Serviço-Escola logo no início da graduação, especificamente no quarto período, quando os alunos cursam na disciplina de Estágio Básico e escolhem o modelo de estágio que preferem.

O estágio básico do qual participei foi supervisionado por uma professora de orientação psicanalítica, que organizou um plano de estágio no Serviço-Escola, dividindo a turma em trios. Cada trio poderia escolher um caso para acompanhar durante os atendimentos. A professora supervisora era responsável por atender o caso e o trio acompanha o caso, podendo intervir, em momentos que coubessem. Ainda, participamos de supervisões semanais com essa professora que supervisiona os casos clínicos.

O Serviço-Escola do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, oferece um serviço de “porta de entrada” que é chamado de "acolhimento". Esse atendimento

proporciona até 05 sessões para o paciente. Esse atendimento é um dos estágios profissionalizantes que, a partir dos últimos períodos, podemos escolher e atender individualmente. Os casos clínicos que chegam até o serviço-escola, seja por encaminhamentos ou de busca espontânea, entram em uma lista de espera. Assim que o último paciente receber alta, se houver desistência por parte deste, ou o paciente for encaminhado para outro tipo de atendimento na Rede, então abre-se uma nova vaga, ficando disponível na lista para que o estagiário entre em contato.

Todos esses atendimentos são supervisionados por um professor orientador e um supervisor técnico. O estágio profissionalizante é realizado nos últimos períodos do curso, quando o aluno já tem uma bagagem maior que facilita (às vezes) sua experiência como estagiário de Psicologia.

Bem, durante esse período de estágio básico, parte integrante do 4º período, tive uma breve oportunidade de experienciar o caráter clínico dos atendimentos psicológicos, levando ao enriquecimento de minha experiência pessoal enquanto estagiária do curso de Psicologia. Ao iniciar essa experiência clínica, me senti desafiada, já que então havia chegado num lugar que me permitiu ter um contato mais próximo do que estudava nos livros. Seria necessário criar uma relação de confiança com o paciente, para compreender suas demandas, e na supervisão, para falar sobre os casos clínicos.

Ao refletir sobre essas primeiras experiências de atendimento no serviço-escola, acabei me aproximando da clínica fenomenológica-existencial. Confesso que no início da graduação, meu conhecimento sobre as abordagens (que são muitas) era restrito ao que os professores mencionavam nas aulas. Participando de alguns projetos, semanas de psicologia (que é um evento de extrema relevância em nossa formação), iniciação científica e cursos de extensão, acabei por ter um conhecimento introdutório à filosofia e posteriormente, à Fenomenologia. Isso foi muito gratificante para mim, pois até então eu conhecia abordagens da psicologia que não só discordavam, como até mesmo não conversavam entre si sobre certos fenômenos sociais e psicológicos. Entretanto, o que encontrei na fenomenologia foi uma possibilidade de refletir e de me conscientizar sobre esses fenômenos, me posicionando criticamente diante de um mundo que nos movimenta a enxergar diversas possibilidades sobre a realidade.

Posteriormente, isso me ajudou a fazer uma releitura dos casos clínicos dos quais participei, seja no estágio básico ou no estágio profissionalizante com um olhar mais aguçado, e cada vez mais consciente. À medida em que me aproximava dos autores da Fenomenologia, aprendia um novo modo de raciocínio clínico, no qual agora seria importante me abster de julgar sobre a existência dos objetos, na realidade concreta e diferentemente de outras abordagens, observar a manifestação do fenômeno em si mesmo e a forma como se apresenta no mundo, de forma intencional, ou seja, observando como a consciência afeta e é afetada pela realidade, e assim entrar no campo da atitude transcendental. Para isso se faz necessário, então, haver uma separação entre coisa pensada e pensamento. Esses conceitos me ajudaram a fazer uma releitura dos casos comentados pelos professores, fazer reflexões, interpretações e experimentar novas formas de pensar sobre a clínica.

3. 2 - O início do Estágio Profissionalizante: uma experiência desafiadora.

O projeto pedagógico do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia divide em seus núcleos teóricos principais em: Núcleo de Processos Cognitivos, Núcleo de Processos Educacionais, Cultura e Formação do Psiquismo, Núcleo de Psicanálise, Cultura e Política, Núcleo de Psicologia Escolar e Educacional, Núcleo de Psicologia Organizacional e do Trabalho, Núcleo de Psicologia Social e da Saúde, Núcleo de Saberes e Práticas Clínicas (Portal IP, 2017). Eles representam as linhas de pesquisa de cada membro do corpo docente.

No âmbito da atividade acadêmica, a linha de pesquisa está relacionada, na verdade, à corrente teórica a qual o professor pertence, e portanto, é necessário que haja compatibilidade com a atividade de trabalho e pesquisa do orientador e a pretensão do orientando, dessa maneira facilitará o direcionamento do trabalho, dentro de um campo específico do conhecimento. O auxílio do professor na construção e elaboração de uma atividade no âmbito acadêmico é de grande importância para que haja uma melhor articulação com a teoria e área de concentração.

Encontrar um orientador pode também representar abertura para ser avaliado e para que haja correção e aprimoramento no desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, o aluno que busca realizar uma pesquisa, um projeto ou um trabalho acadêmico, deseja também compreender o objeto de estudo, e com a intervenção do orientador, que por sua vez será um

intermediador do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que essas coisas se dão e só podem ser compreendidas na experiência (SCHON, 2000, p.73).

Quando cumprimos os pré-requisitos (disciplinas) estabelecidos pelo curso para concorrer a uma vaga de estágio profissionalizante, escolhemos então a ênfase (escolar, organizacional, clínica) que integralizará nosso currículo. Podemos realizar até 03 ênfases, a depender da quantidade de horas de estágio curriculares.

Para adentrar aos estágios supervisionados profissionalizantes, primeiro participamos de uma seleção, cada professor fica responsável por organizar o plano de ensino, encaminhar à Coordenação, que publica a oferta de vagas estágios. Dessa forma, realizamos uma prova e/ou uma entrevista, e obtemos uma resposta no prazo vigente. O aluno que tiver participado da seleção e não passar em nenhum processo seletivo, seja por falta de vagas, seja por outros motivos de força maior (não passar na prova e/ou entrevista), deverá recorrer à coordenação do curso, pois pode acabar sem vaga de estágio; mesmo sendo um componente obrigatório e sem exigir processo seletivo.

No estágio em Psicologia clínico-social, escolhi a abordagem fenomenológica, e assim me inscrevi e passei no processo seletivo do Plano de Estágio de uma professora com vasta experiência nessa área. A proposta era o atendimento de psicoterapia breve e aconselhamento psicológico individual ou familiar, de casos escolhidos pelo aluno.

Eu estava ansiosa por uma vaga de estágio e começar minha atividade profissionalizante e, quando descobri que a professora estava oferecendo um estágio na linha fenomenológica-existencial, fiquei muito motivada para participar. O processo seletivo resumia-se em escrever uma carta de intenção de estágio contando sobre a trajetória no curso, a disponibilidade horária e a preferência pela abordagem e tipo de estágio oferecido. A professora daria um retorno informando sobre a aprovação ou não. Os nomes dos alunos e seus respectivos estágios também seriam publicados na página do instituto de psicologia da UFU. Por fim, passei no processo e confesso que fiquei muito feliz e surpresa, pois era algo que desejei durante todo esse tempo.

A organização do estágio da professora supervisora, funciona da seguinte forma: ela supervisiona o aluno de forma individual uma vez por semana, porém é necessário participar de supervisões em grupo para ampliar o foco das discussões de casos clínicos mais

complexos. Nas supervisões, era proposto a leitura de textos para o amparo na compreensão dos casos e intervenções.

O primeiro caso que atendi durante meu estágio profissionalizante no serviço psicológico foi de uma adolescente vítima de violência familiar. Este caso, em particular, deixou uma marca profunda em minha trajetória, não apenas pela gravidade da situação, mas também pelo contexto emocional e social envolvido, que refletia um padrão de violência transgeracional. A transgeracionalidade da violência doméstica é um fenômeno de origem sócio histórico cultural, além disso essa problemática global é uma questão de saúde pública, uma vez que repercute na integridade física, mental e moral das famílias, caracterizado pela perpetuação da violência na família extensa, pois existem fatores que perpetuam essa condição, como por exemplo, quando há exposição às formas de violência na infância, uma vez que envolve presença de afetos (Mosená, L. C., & Bossi, T. J. 2022).

Desde o início da minha formação, a temática da violência familiar sempre despertou meu interesse. Havia algo na intensidade das discussões sobre esse assunto que me impulsionava a querer entender mais sobre as particularidades e os desafios que envolvem o atendimento a essas pessoas. A cada aula em que professores ou outros psicólogos mencionavam casos semelhantes, eu sentia uma necessidade de aprofundar meus conhecimentos.

Quando a adolescente chegou ao atendimento, percebi imediatamente a complexidade do caso. Ela trazia consigo não apenas o conteúdo emocional das violências que havia sofrido, mas também um legado de dor que parecia ecoar de geração em geração dentro de sua família. Durante as sessões, pude perceber como a violência se manifestava em seus comportamentos e emoções, dificultando seu desenvolvimento saudável e a construção de sua trajetória pessoal, seu lugar no mundo.

Nesse momento, foi fundamental criar um espaço seguro para que ela pudesse expressar suas vivências sem medo de julgamento. Acredito que, não só o conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação foi importante, mas também a capacidade de acolher a dor do outro de forma genuína. Nesse primeiro atendimento, a cada relato que ela compartilhava, era um convite para que eu investigasse mais profundamente não apenas a história dela, mas também o contexto familiar que a cercava. As nuances da violência transgeracional se tornaram evidentes, e o entendimento de que aqueles padrões de

comportamento poderiam ser perpetuados em ciclos viciosos trouxe à tona a importância da intervenção psicológica.

Na UFU já existe um núcleo de atendimento multiprofissional para casos de violência mais específicas, o “Núcleo de Atenção Integral à Vítimas de Agressão Sexual” (NUAVIDAS) é um ambulatório localizado no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). Cito esse serviço de atendimento, devido a sua importância se tornou uma referência para a nossa formação enquanto estudantes, já que ter esse espaço na universidade nos movimentou de alguma forma, tendo participado de suas atividades, de perto, ou não.

Temos também a ONG “SOS Mulher e Família”, que atua em consonância com o Escritório de Assessoria Jurídica Popular da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia (ESAJUP/UFU), no projeto “Todas Por Ela”, e tantos outros projetos que eu poderia citar a título de exemplo - a universidade desenvolve, no intuito de ampliar a nossa formação e de prestar serviços à comunidade de forma gratuita. O *NUAVIDAS* especificamente, especializado em violência de gênero, é composto por profissionais da medicina, da psicologia, da enfermagem, entre outras áreas do conhecimento, que se reúnem para atender, discutir e encontrar possíveis intervenções para esses casos. Conheci esse projeto já na metade do curso, pois uma de nossas professoras comentou sobre sua entrada no ambulatório, e eu quis saber mais a respeito. Menciono esses projetos porque eles tiveram um papel importante na minha formação acadêmica, ajudando a desenvolver um conhecimento mais aprofundado. Situo agora, apenas para contextualizar os dados da minha experiência como estudante de psicologia, pois isso ressoou na minha vivência durante o estágio profissionalizante.

Desde o início do curso me interessei por esse tema e, quando surgiu uma oportunidade de ser monitora em um evento da ONG em parceria com a universidade, logo me inscrevi para participar. Eu estava no terceiro período. Houve também um maior aprofundamento desse assunto em certas disciplinas do curso de psicologia, e em alguns projetos oferecidos pela comunidade acadêmica, dentre eles participei de palestras, rodas de conversa e minicursos, e ainda algumas participações como integrante, em especial nas “Semanas de Psicologia” que a universidade disponibiliza, e assim tive uma melhor noção sobre a dimensão desse fenômeno, que vai além de uma simples escuta: requer uma qualificação e uma disposição interna também. É importante oferecer uma escuta, e também

se escutar, encontrar um equilíbrio entre o acolher e o se acolher, cuidar de si e do outro é uma tarefa delicada.

Podemos compreender o gênero como uma construção sócio-histórico-cultural, ou seja, é um conceito que pode variar dependendo do local e da relação entre a identidade e os sexos (Heilborn, 1991). Então, o olhar das sociedades sobre as pessoas do sexo masculino e as pessoas do sexo feminino, determina como elas interpretam, pensam, e se organizam. Quando se fala em violência de gênero, queremos dizer que qualquer ação (ou omissão) que cause danos no tocante às dimensões moral, psicológica, jurídica, sexual, patrimonial ou física a uma pessoa, em formato de brincadeiras, insultos, maus tratos, negligências, ameaças, privação ou abandono, intimidação, até chegar na violência física, (e morte) considerando a qual grupo ou pessoa ela é direcionada, nesse caso, à mulher (Minayo e Souza 1997).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a violência como um problema global de saúde pública, passível de prevenção e provenientes de (más) condições sociais, econômicas, políticas e culturais mais amplas, que podem ser modificadas a âmbito coletivo e de forma interdisciplinar (Krug et al, 2002). Dessa forma, estabelece uma tipologia de grupos que classificam o ato violento: violência contra si mesmo (autoprovocada ou auto infligida, autolesões, tentativas de suicídio); violência interpessoal (a doméstica - familiar e a comunitária - grupos institucionais); e violência coletiva (grupos políticos, ataques terroristas, guerras).

No caso da violência de gênero, ela pode transitar em todas as esferas, com concentração na violência interpessoal, posto que esses comportamentos violentos estão enraizados na sociedade, tendo sua base na violência estrutural. Assim, eles estão naturalizados na cultura, gerando privilégios e formas de dominação. Isso é preocupante, quando pensamos em contextos de classe social desprivilegiada, escolaridade, faixa etária, raça ou etnia, e, se existe uma interseccionalidade entre esses fatores esse cenário ainda pode ser utilizado como justificativa para qualquer tipo de violência.

É fundamental mencionar a promulgação da “Lei Maria da Penha” (Lei nº 11.340 de 2006) e, anos depois, a publicação do Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher. Não se limitando apenas ao âmbito jurídico, mas busca integrá-la na criação de políticas públicas na perspectiva de gênero. Isso inclui aspectos como segurança pública, saúde, assistência social e educação (Pasinato, 2010). Em Extensão, o fenômeno da violência

é marcado pela construção da intersubjetividade e no encontro com a alteridade. Isso envolve a identificação com a experiência da violência e as diferentes perspectivas das pessoas que estão envolvidas nessa situação (Anjos, 2003; Arendt, 1970/2009; Piva, Severo, & Dariano, 2007).

Um outro aspecto que devemos considerar ao discutir a violência é sua intrínseca conexão com o poder. Na esfera pública, a violência é utilizada como instrumento de manutenção das relações de poder. O poderio, nesse sentido, é construído coletivamente, e está circunscrito na intersubjetividade dos povos, pois necessita de uma certa legitimidade. Poder, para Arendt, é possibilidade, aquilo que pode ser, a capacidade de criar algo novo, quando saímos do utópico para a ação. Há uma grande diferença na relação entre violência e poder, a violência começa quando o poder termina. Faz-se necessário tomar a ação para si, para ter poder para os outros, para que esse poder seja construído de maneira coletiva. A violência, por sua vez, ainda que sejam levantadas justificativas devido às limitações das forças de poder, não possui legitimidade. Apesar disso, poder e violência são forças incongruentes: "Onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, conduz a desaparecimento do poder" (Arendt 1970/2009, p. 73).

É necessário criar um espaço seguro de escuta qualificada, para que o paciente encontre ali um ambiente propício para falar, e esteja seguro do resguardo de suas queixas, bem como encontre um lugar de conscientização, de promoção de direitos, que possa se expressar sem ser julgado, mediante ao acolhimento que lhe for oferecido. Quando, enfim, surgiu essa experiência na clínica, tive a sensação de estar amparada pelos conhecimentos que adquiri ao longo do curso de graduação. Dessa forma, tive mais segurança para ouvir e compreender a demanda dessa paciente.

4. Vivências na supervisão coletiva de um estágio.

No ano de 2019, passamos por um longo período de Pandemia do COVID-19, a nível mundial. Esse fato mudou o calendário acadêmico civil, não só da Universidade Federal de Uberlândia, mas das universidades como um todo. Assim, ficamos confinados durante o período de 2019 a 2021, e isso causou transtornos para o plano de estágio de muitos estudantes. Os professores precisaram se reorganizar e aprender novas ferramentas de

trabalho, novos recursos para suprir as necessidades daquele momento, e os alunos precisaram se adaptar à modalidade de ensino remoto. Algumas disciplinas passaram por uma reestruturação e somente depois puderam ser ofertadas no sistema de matrícula do estudante.

Do mesmo modo, o Serviço-Escola não poderia funcionar de forma presencial, então foi regularizado um sistema online com salas virtuais disponíveis cadastradas para que os estagiários atendessem na modalidade online. No ano de 2022, o serviço psicológico voltou a funcionar presencialmente, assim como as aulas da universidade, que retoma as atividades acadêmicas. Os professores retornaram, incluindo aulas, supervisões, estágios seguindo o protocolo de segurança, uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento.

Bem, nesse retorno finalizei as disciplinas que são pré-requisitos de estágio profissionalizante e, assim decidi prestar o processo seletivo para algum professor que fosse da abordagem psicanalítica ou fenomenológica-existencial, pois estas são as abordagens com as quais vinha me identificando. Por fim, como citado, acabei decidindo pelo Plano de Estágio da professora em questão, que logo recebi a resposta de aprovação.

No primeiro dia de supervisão, a professora nos recebeu com as boas-vindas e nos informou como seria o estágio supervisionado, desde o atendimento no serviço-escola até o horário de supervisão individual e coletiva. Ainda, que esse estágio poderia ser realizado com crianças, adolescentes ou adultos. Teríamos assim duas horas de supervisão como ouvintes, e uma hora para discutir os próprios casos clínicos, em conjunto com outros estagiários. A supervisão individual para casos específicos deveria ser agendada previamente e para isso precisávamos realizar leituras e assistir vídeos explicativos semanalmente também. No geral, os estagiários se sentiram confortáveis ao comentar sobre os casos que atendiam, mas caso houvesse algum momento mais delicado, poderiam falar na supervisão individual.

Nas primeiras semanas do estágio, foi um momento de construir vínculo com os outros estagiários, e receber as instruções do estágio com a professora. A professora-supervisora foi, aos poucos, introduzindo rodízios para que comentássemos sobre nossas dúvidas de forma dinâmica, propiciando assim o pensamento crítico e reflexivo acerca do fazer clínica, e desafiando-nos a encontrar respostas e diferentes alternativas para as questões que iam surgindo.

Depois, considero como parte fundamental, além da construção do vínculo com os estagiários, também fazer a busca ativa dos pacientes, e fazer vínculo, se possível, desde esse

contato telefônico. Então, conforme orientação da professora-supervisora, separei um momento para verificar no arquivo da clínica, o histórico dos pacientes que aguardavam atendimento e pesquisar também se havia ficha de atendimentos anteriores, prontuários e outras informações relevantes. Trouxemos essas informações para a supervisão coletiva, e assim fomos compreendendo como deveria ser o atendimento com os pacientes.

Ao realizar esse primeiro contato, inicialmente, com o paciente, e ouvindo sobre a experiência dos outros estagiários, me dava conta do quão rica era essa parte, e que trazia inúmeras possibilidades, um espaço de fazer algumas poucas perguntas que ajudarão o paciente a clarear se deseja ou não aquele atendimento, às regras de funcionamento da clínica, o endereço e o horário.

Esse dia foi muito importante. Ali me senti encorajada a dar esse passo inicial de buscar informações sobre a lista de pacientes que aguardavam o atendimento. Alguns tinham passado apenas por uma triagem, e outros casos haviam sido atendidos e devido ao término do período de estágio, a ficha retorna para a fila de espera.

Quando alguns colegas disseram que tiveram dificuldade de encontrar o paciente, e que tiveram que insistir no contato telefônico, mas que após algumas tentativas agendaram para a próxima semana o primeiro atendimento, entendi que a pandemia também dificultou a nossa prática, já que a clínica ficou fechada (in loco) por um certo período. O planejamento desse atendimento será discutido na supervisão individual.

Nas próximas semanas, a professora foi permitindo que os alunos trouxessem mais questionamentos, pois se preocupava em como os alunos se sentiam em relação a essa experiência desafiadora. Ela dividia o momento de falarmos sobre os atendimentos, sobre nossas queixas e trazia sugestões para que desenvolvêssemos uma percepção sobre nós mesmos, e fazer uma síntese dos conteúdos conceituais, para trazer sentido ao que nos propomos a fazer no consultório.

Além disso, ela nos apoiava, fazia demonstrações, dava algumas dicas de filmes, documentários e artigos científicos a fim de que nos descobríssemos enquanto futuros profissionais da psicologia, cada um com suas particularidades, e investindo em nossas potencialidades. Me recordo que numa dessas supervisões, ela falou sobre vários autores, eu precisei anotar para não me esquecer de nenhum deles, e assim preparou-me para uma das sessões com minha paciente e, também para compreender como a clínica fenomenológica se

faz no dia a dia. Nesse sentido, o estágio passa a ser um espaço de trocas, de articulação da teoria com a prática, da técnica, de observação e aplicação do conhecimento, de orientação e acompanhamento.

Esses momentos de supervisão coletiva me auxiliaram a ter uma compreensão mais ampla, pois além de ouvir os casos que as minhas colegas atendiam, eu também podia fazer trocas de experiências, de leituras, ou de práticas clínicas através de vivências que estávamos experimentando em nossa trajetória na academia. Esses encontros se tornavam cada vez mais essenciais pois enriqueceram nossa formação e nos aproximava na dinâmica entre o ensinar e o aprender, entre a inexperiência e as angústias inerentes ao processo de conhecimento.

Dessa maneira, o psicólogo dedica-se a fazer do seu próprio corpo um instrumento de escuta para as questões que são abordadas no atendimento psicológico. Tal tarefa se constitui na disponibilidade do terapeuta para entrar, o mais completamente possível, na experiência ‘subjética’ do cliente" (Hycner, 1995, p. 111). Ainda, lembro que a professora-supervisora ouvia nossos atendimentos, esclarecia dúvidas, comentava sobre casos que ela mesmo atendeu anteriormente em sua trajetória profissional, e que esses comentários agregavam muito nesse espaço de supervisão. Ela também trazia exemplos de filmes para as discussões de casos, articulando a teoria, a prática e a experiência vivida. Além da condução dos atendimentos, a supervisora precisa nos orientar sobre regras de funcionamento do próprio serviço-escola, do preenchimento de documentos e da importância do diário de bordo. Ali compartilhamos os desafios encontrados no percurso, nossas incertezas e escolhas. Nas palavras de Juliano:

O terapeuta torna-se, na maioria das vezes, acompanhante e, mais raramente, guia de uma enorme jornada. A sensação, de início, é de excitação e susto, já que ele sabe que não pode sair ileso dessa aventura: quanto retornar ao ponto de partida, também estará transformado. (Mas é exatamente essa a riqueza do empreendimento terapêutico). (Juliano, 1999, p. 22).

Sob essa perspectiva, a supervisão clínica é um processo de ensino e aprendizagem que considero a parte mais importante da formação prática. O principal objetivo da supervisão é gerar conhecimentos e habilidades, além de desenvolver uma postura ética, metodológica, teórica e prática (Bitondi, Setem, 2007). O supervisor de estágio desempenha o papel de mediador entre conhecimentos e experiências práticas, e lhe é outorgado o papel de

orientar os estudantes e dispor de ferramentas que ajudem em seu desenvolvimento (Gonçalves, 2000).

Nesse processo, há uma interação entre o conhecimento e a prática do professor supervisor e as experiências dos estagiários, o que exige do supervisor técnica, e para além disso, sensibilidade para ouvir seus estagiários e encontrar caminhos para sua evolução (Tavora, 2002). É importante ressaltar que o diálogo entre supervisão acadêmica e corpo de estagiários auxilia na identificação das minúcias e das peculiaridades de cada caso, e entre si deve existir a relação de confiança para que a escuta se faça presente. Escuta essa que proporciona um espaço seguro e permita, nesse processo de formação, o momento do errar e do aprender, sem constrangimentos, aprimorando e aperfeiçoando suas habilidades.

A atividade humana é um processo que está dado na relação, tanto na relação que passa pelos instrumentos de aprendizagem, que configuram as ações sobre os objetos, quanto pelos sistemas de signos. O instrumento modifica o mundo e a ação do homem sobre o mundo externo, e o signo modifica internamente o sujeito e sua relação com o mundo, num movimento dialético no processo de humanização e dessa maneira não se faz possível:

[...] separar dela seus elementos psicológicos internos para estudo isolado posterior, mas em trazer para a psicologia aquelas unidades de análise que comportam em si o reflexo psicológico em sua inseparabilidade dos momentos que o causam e o mediam na atividade humana (Leontiev, 1978, p. 7).

Nós alunos, quando iniciamos o estágio em psicologia na ênfase da clínico-social, não possuímos experiência prévia, diferentemente, nos apoiamos naquilo que encontramos nas falas dos professores, na leitura de artigos, ouvindo os alunos veteranos contarem suas experiências. Em torno disso, são vivenciadas um conjunto de expectativas a partir dos conteúdos anteriormente estudados (Del Prette, Del Prette, Meyer, 2007).

Na obra “Os Quatro Pilares da Educação”, Delors (2003) indica que a aprendizagem se divide em quatro momentos principais: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

No primeiro momento, trata-se de estar aberto a conhecer, ter curiosidade de ampliar seus conhecimentos. Num segundo momento, o autor fala que precisamos aprender pelas nossas próprias experiências. Posteriormente, há que se aprender a ouvir as experiências de outras pessoas e sua interação com o ambiente e a cultura e, por último, darmos conta de aprimorar nossas habilidades até que sejamos sujeitos autônomos.

Dessa forma, faz-se possível na relação supervisor-estagiário, estagiário-paciente, respeitadas as teorias científicas, ir em direção a uma escuta ativa, promovendo a percepção de cada etapa do processo. Diante desse interposto, pode-se compreender a importância do constante aperfeiçoamento das propostas de ensino-aprendizagem, fundamental para a fluidez do processo.

5. Vivências na supervisão individual: meus primeiros passos...

O começo do estágio no Serviço-Escola acontece mediante o agendamento de inscritos em uma lista de espera. Assim, entramos em contato e perguntamos se o paciente deseja marcar uma consulta. Pode-se dizer que nesse momento é estabelecido o primeiro contato. O vínculo entre paciente e psicólogo é estabelecido desde o primeiro contato, na maneira como nos aproximamos inicialmente para oferecer um espaço de escuta. Nesse espaço vão sendo contadas histórias do paciente, suas queixas que estarão atreladas aos acontecimentos corriqueiros.

Cabe citar que no Serviço-Escola da UFU existe uma lista de pacientes que aguardam uma vaga de atendimento. Há também uma lista de espera interna daqueles pacientes que tinham sido atendidos por algum aluno do semestre anterior (que pode ter finalizado o período de estágio ou se formado) e que tinham sido encaminhados para algum outro serviço (psicoterapia, avaliação psicológica, análise da origem da queixa escolar) ou necessitavam dar continuidade no processo terapêutico com algum estagiário que estivesse disponível. Nesses casos, o professor supervisor e o aluno decidem qual o paciente mais se encaixa com a modalidade de atendimento.

A minha primeira atividade foi preencher a ficha de cadastro como estagiária da clínica, e dessa forma poderia reservar uma sala e criar uma pasta para colocar os dados dos pacientes dentro de um arquivo de cada professor supervisor. O próximo passo foi selecionar

o último paciente da lista de espera, entrar em contato e caso o paciente caso tivesse interesse, agendar um horário para atendimento e inserir o nome na agenda eletrônica do serviço, fazer a reserva de sala, e elaborar uma "proposta de acolhimento".

Essa proposta é realizada pelo estagiário e o professor supervisor, na data agendada para o momento de supervisão individual. Esse agendamento é anterior ao atendimento com o paciente, para discutir e planejar o atendimento de acordo com a abordagem e linha de raciocínio. Assim, eu e a minha professora orientadora e supervisora, pensamos em como ligar para os possíveis futuros pacientes que aguardavam na lista de espera.

A primeira sessão é um atendimento que denominamos de acolhimento, que envolve ouvir o paciente, suas queixas e identificar a demanda principal, uma vez que ele é um sujeito e participante ativo no processo de atendimento psicológico. É um momento importante para ouvirmos essas histórias a fim de compreender as demandas daquele paciente (ou do grupo). Essa queixa estará presente nas narrativas do paciente, que contará suas histórias.

A perspectiva heideggeriana nos ensina a escutar o outro em sua totalidade, reconhecendo suas preocupações, angústias e anseios. O terapeuta, ao adotar essa postura, facilita essa construção de vínculo, permitindo que o paciente reflita sobre suas questões existenciais. Esta relação não é apenas um espaço de fala, mas um encontro autêntico onde o ser humano se revela em sua essência.

No outro dia, segui fazendo as ligações para alguns nomes da lista e consegui fazer contato com 4 pessoas. Agendei e reservei a sala. Após essa etapa, agendei um horário com a professora para planejarmos o que poderia ser realizado no dia do acolhimento, que é a primeira sessão. Dessa forma, três pacientes foram agendados na modalidade de atendimento online, e o outro atendimento foi presencial. Dos pacientes da modalidade *online*, apenas uma compareceu, porém a mesma estava em uma reunião de trabalho home office, uma vez que o atendimento seria para a filha dela. Não conseguimos encontrar um horário para ela e a criança comparecer ao atendimento. Por uma questão de agenda, a professora supervisora sugeriu um atendimento na casa da paciente, já que a mãe trabalha em home office. Mesmo assim, não foi possível esse atendimento, porque a mãe gostaria que fosse num horário no contraturno do seu trabalho. Por fim, a mãe da paciente optou por encerrar a ficha de cadastro.

As duas outras pacientes que agendaram atendimento online, não compareceram em nenhuma sessão. Totalizando quatro tentativas, sem sucesso, a clínica encerra o cadastro como desistência. Agora, a paciente que agendou no presencial, compareceu na clínica. Bem, com a confirmação dessa paciente presencial fiquei muito feliz, principalmente no dia do atendimento. Acordei e me preparei. Cheguei mais cedo para checar a sala, separei os materiais propostos na supervisão e as fichas iniciais.

Apenas o ato de chamar a paciente pelo nome na recepção me trouxe várias reflexões. Em primeiro lugar, percebi que ao me dirigir a ela dessa maneira, isso poderia criar uma sensação de hierarquia (algo talvez originado da ideia de um consultório), e em segundo lugar, que essa abordagem poderia gerar um laço afetivo influenciado por relações de poder subentendidas. Tive bastante atenção ao manejar esse momento, pois não queria que o relacionamento se formasse a partir desse ângulo.

As dinâmicas de poder e saber manifestam-se em múltiplos contextos clínicos, muitas vezes de forma inconsciente, sendo geradas por fatores sociais, culturais e históricos, frequentemente solidificadas. Por estarem profundamente integradas ao discurso e as atitudes diárias das pessoas, essas relações não são imediatamente visíveis; contudo, podemos identificá-las nos atos de linguagem (Passos, 2012). Além disso, as subjetividades, ou as maneiras de pensar e viver, também emergem dessas relações de poder (Foucault, 2004).

No começo do atendimento resolvi então preencher a ficha de atendimento com a paciente, assim passei a fazer perguntas sobre a família. Isso me ajudou a colher informações importantes sobre as questões que envolviam aquela paciente. Descobri nesse momento que, como dizia Heidegger (1967), a linguagem é a “morada do Ser”. Por meio dela, nos inserimos no mundo. A linguagem é um intermediador entre o mundo externo e o interno, uma condição de existência. Ela é construída ao longo do curso de nossa vida e revela, através de narrativas pessoais, as nossas crenças, motivações, percepções. Através do discurso, compreendemos e enquanto narramos temos a oportunidade de modificar o curso de nossa existência. Assim, somos sujeitos narradores de nossa própria história, já que precisamos observar como falamos e refletir sobre isso.

A inicial complexidade desse atendimento me fez adotar uma ferramenta importantíssima para a construção dessas narrativas: o caderno de bordo. O que acontecia durante o atendimento e minhas impressões, sensações e preocupações registrava ali. As

reflexões que apresento aqui são baseadas na ideia de que a compreensão de nossa existência representa uma abertura para a ressignificação de sentidos.

Para o início desse atendimento, a professora supervisora e eu fizemos um plano de intervenção durante nossa primeira supervisão. Todavia, cabe ao estagiário, a tarefa de identificar e costurar essas histórias, organizá-las e ligar os pontos, juntar cada uma delas e dar sentido enquanto passamos de um acontecimento a outro. Tudo isso é feito em conjunto com a supervisora de estágio. Assim, passei a apresentar nas supervisões essas narrativas e como me sentia diante dessa postura autoritária da mãe. Por isso propomos, então, um atendimento individual para a adolescente. Isso também se justificava porque a queixa passava em torno da família e da escola. Ligo para a mãe e aviso sobre o atendimento individual, peço para a menina trazer a mochila. Me senti mais segura para falar com ela. A mãe estava menos apreensiva nesse dia.

Isso me deixou mais confortável e confiante em prosseguir com os atendimentos. Esta foi a minha estreia no atendimento individual a uma paciente. Nos estágios anteriores do curso, concentrei-me em triagens e atendimentos grupais, sem ter ainda tido esta experiência profissional singular. Esse atendimento, onde fui responsável exclusivamente pelo cuidado da paciente, colocou-me em uma posição de grande responsabilidade, permeada por encontros e desencontros, desejos, expectativas e múltiplas possibilidades. A paciente demonstrava um forte desejo por aquele atendimento, e eu senti uma grande satisfação por ter encontrado uma paciente para atender neste estágio, permitindo-me exercer minha função como psicóloga, especialmente no contexto da psicoterapia fenomenológico-existencial.

No final desse primeiro atendimento, informei a paciente que o próximo atendimento seria somente comigo e a adolescente, sem a presença da mãe. Fiquei um pouco receosa, pensando em como ela iria reagir, mas ela aceitou bem e percebi que o tal manejo não era tão difícil quanto eu pensava que fosse. Contudo, dizer isso para a paciente também foi um tanto delicado.

Para o próximo atendimento, recebi o apoio de minha supervisora. Vejo que não deu tempo de fazer tudo o que havíamos desenhado na última supervisão. Isso não era um problema, já que as partes principais foram abordadas. Entendi que o que importava era o processo de aprender a fazer o atendimento acontecer. Aprendi, durante as supervisões, que muitas vezes o planejado pode não sair como pensado pois existe ali a dimensão do outro. É

genuíno o fato de reconhecermos nossa vulnerabilidade diante de um outro desconhecido, movimentando-nos a tecer um vínculo, até que o outro se sinta confortável para se apresentar. Um passo fundamental é ter flexibilidade e manter a calma. Lembro-me de que nos primeiros contatos com essa paciente, por vezes, parecia haver um certo estranhamento, ou melhor dizendo, um distanciamento talvez causado por algum tema específico. No entanto, bastava um olhar ou um gesto que não consigo precisar exatamente, talvez um sorriso ou um tom de voz interessado, e surgia uma abertura mútua entre ambas as partes. É a possibilidade de estabelecer uma relação de confiança, que se movimenta da estranheza ao que vai se tornando familiar. Encontro ressonância nas palavras de Luís Claudio Figueiredo que diz:

Coisa diferente seria reconhecer a demanda de familiarização para nomeá-la, interpretá-la, elaborá-la. Nessa forma de lidar com a demanda de familiaridade tratar-se-ia de, simultaneamente, oferecer o familiar e propiciar a admissão do e o encontro com o estranho: o estranho dos outros e, principalmente, o estranho de/em cada um (Figueiredo, 1995, p. 72).

Gradativamente essa relação de confiança foi se estabelecendo e, dessa forma, a comunicação ficava mais fluida. Ela ia se constituindo enquanto paciente e eu enquanto estagiária de Psicologia, uma importante construção que nos aproximava. Ao longo dos atendimentos, comecei a me sentir mais próxima dessa paciente. À medida em que ela trazia recortes de sua história, e as questões que mais a incomodavam, trazia na sua fala singularidades que me faziam questionar sobre a postura e o papel do psicólogo no âmbito da clínica psicológica.

Considero que algumas características facilitam o exercício terapêutico, me refiro aquilo que no meu caso foi essencial para entender como um processo terapêutico funciona na prática, como a disponibilidade de saber acolher, se mostrar e se manter interessado genuinamente no que o outro pensa ou sente, ouvir e validar sua fala, ouvir atentamente suas dores, angústias e medos, legitimando seus sentimentos, observando e se atentando ao que aparece, mesmo quando palavras não foram ditas. A expressão dos pensamentos e sentimentos vai muito além. À medida em que nos abrimos à experiência de perceber e aprender a desenvolver nossas capacidades e atributos internos, o paciente quando se sente

aceito pelo terapeuta, começa a se sentir convidado a se abrir para essa experiência de forma mais autêntica possível.

Fui tendo esses insights logo nas primeiras sessões, porém fui tomando consciência de como conduzir os atendimentos enquanto escrevia no diário de bordo. Neste caderno, fazia anotações durante todo o processo, desde antes de entrar na sala de atendimento, durante a sessão e após, quando fazia reflexões sobre o que foi dito, o que isso me provocava, assim como quando buscava referenciais teóricos, e depois quando estava na supervisão em grupo ou individual. Às vezes, quando estava em casa, também costumava anotar algo que surgia à memória e achava importante.

A experiência da clínica revela um processo contínuo de aprendizado e construção, que ganha forma e profundidade especialmente nas supervisões. Apesar de perceber que uma hora de supervisão poderia não ser suficiente para abranger todas as questões que emergem nesse contexto, gradualmente entendia que era fundamental ampliar o tempo dedicado às leituras e ao suporte individual. A relação que estabeleci com a professora supervisora foi um fator decisivo nessa jornada. O seu acolhimento e a abertura que oferecia me proporcionaram um ambiente seguro e estimulante, essencial para o meu desenvolvimento.

Durante esses momentos de supervisão, além da troca teórica e prática, a terapia pessoal que escolhi, segue nessa abordagem fenomenológica-existencial e, também desempenhou um papel crucial. Esse espaço me ajudou a elaborar e dar novos significados ao que vivenciava no âmbito clínico, promovendo uma reflexão mais profunda sobre minhas experiências e dar novos sentidos ao raciocínio e prática clínica.

O estágio profissionalizante em clínica psicológica foi uma oportunidade valiosa para desenvolver uma escuta mais qualificada ao ter contato direto com o paciente. Ao mesmo tempo, a presença da professora como supervisora não apenas trouxe segurança, mas também um sentimento de realização e tranquilidade ao contar com sua orientação na abordagem fenomenológica-existencial. Sua orientação dentro dessa perspectiva foi fundamental para mim, possibilitando uma integração mais rica entre teoria e prática, e contribuindo para um processo de formação significativo.

Na vivência dessas supervisões, e ao desenvolver as propostas, precisamos nos preocupar com esse preparo. Confesso que vivenciei algumas frustrações. Precisava fazer sentido aquelas propostas de intervenção apresentadas. Esse preparo é um investimento. O

tempo destinado a ele nos auxilia quando conseguimos reconhecer o momento certo de realizá-los, ter atenção e sensibilidade para compreender e se conectar ao paciente, observando sua evolução, seja com uma mudança de postura, seja na flexibilização do pensamento rígido, construindo um atendimento humanizado, uma escuta mais qualificada e, assim dar espaço para que o paciente tenha abertura de falar, e direcioná-lo a um novo entendimento e uma postura crítica que desenvolvemos ao longo do trabalho realizado nas sessões.

Isso favoreceu reflexões que ultrapassam estratégias de intervenção, ao articular a teoria que aprendemos durante todo o curso e integrá-la à prática clínica, como nas palavras de Heidegger: “[...] a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico” (p. 11) e, ainda:

Realizando a técnica, o homem participa da dis-posi-ção, como um modo de desencobrimento.[...] Sempre que o homem abre olhos e ouvidos e desprende o coração, sempre que se entrega a pensar sentidos e a empenhar-se por propósitos, sempre que se solta em figuras e obras ou se esmera em pedidos e agradecimentos, ele se vê inserido no que já se lhe revelou. [...] o homem não faz senão responder ao apelo do desencobrimento (Heidegger, 1976/2001, p. 22).

Uma das coisas que mais demorei para perceber foi a real necessidade de aprender a ouvir com maior zelo. Aprender a captar até mesmo o silêncio nas entrelinhas, porque desse silêncio muitas vezes surgem observações relevantes. Certa vez a paciente me disse que não tinha “preparado nada para aquele dia”, e que não sabia o que dizer. Rapidamente eu procurei alguma forma de tranquilizá-la, porém mais a frente percebi que ela já estava trazendo ali conteúdos importantes, detalhes que só são percebidos por alguém que esteja presente o bastante para se atentar ao que se mostra. Ouvir, na verdade requer uma observação de si, pois se estivermos distraídos, ou preocupados com outras coisas, por exemplo em como responder, deixamos algum detalhe passar despercebido. Silenciar a nossa mente, nesse momento, foi algo muito importante para permitir que esse insight ocorresse naquela hora.

O estagiário, em sua condição de estudante, tem uma percepção limitada de seu objeto de estudo a partir dos seus próprios conhecimentos. Na supervisão tem a oportunidade de, ao contar, se ouvir e perceber os pontos de aperfeiçoamento. Para que o aprendiz abra seus

horizontes, é importante as considerações do orientador, por isso o diálogo constitui-se como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. É necessário olhar para além do resultado final, e percorrer o processo de construção de seu pensamento e interpretações fundamentadas na teoria, aliada à prática, e tomar consciência de seus avanços e de seu aprendizado (SCHON, 2000). Essa mediação realizada pelo orientador tem grande valia, pois o estudante desenvolve a capacidade de refletir sobre o motivo de suas ações e intencionalidades, de seus pontos de melhoria, seus avanços, a partir do diálogo e discussões guiadas, e isso proporciona ampliação dos seus conhecimentos e se sentir mais preparado.

Durante o meu estágio, enfrentei um desafio importante: conciliar os horários das disciplinas da minha grade curricular, as supervisões em grupo e as atividades em equipe, além de reservar um tempo para fazer todas as anotações no caderno de bordo. Isso exigia muita organização, tanto interna quanto cronológica. Para conseguir dar conta de tudo, precisei abrir mão de várias tarefas do dia a dia e também reservar momentos para cuidar de mim mesma, como comer nos horários certos, meditar, fazer terapia, praticar exercícios físicos e cuidar dos meus assuntos pessoais.

Foi uma descoberta importante perceber que isso faz parte do processo. Na verdade, essa organização e cuidado comigo mesma foram essenciais para que eu pudesse realizar todas essas atividades sem me sentir tão sobrecarregada ou exausta. E também aprendi que o terapeuta precisa se sentir cuidado, pois isso é fundamental para poder oferecer um atendimento de qualidade.

Esses encontros semanais me ajudavam a compreender melhor a relação da teoria com a prática. Mas não era só isso. Enquanto ouvia os outros casos clínicos, ampliava meu olhar sobre a minha prática clínica e a me formar cada vez mais enquanto futura psicóloga. Muitas vezes as disciplinas que abordavam os processos de transformar a clínica em um espaço de diálogo e reflexão para além da teoria eram limitadas para mim, principalmente diante da incerteza provocada pela prática clínica.

As leituras indicadas pela a professora supervisora, me amparavam também; aliás, essa foi uma palavra-chave desse caso clínico, pois a paciente relatava momentos de profundo desamparo. A partir desse sentimento, fui desenvolvendo, juntamente com a supervisora de estágio e os colegas estagiários, uma rede de apoio. Era por meio desse suporte que eu conseguia gradualmente fortalecer-me para realizar os atendimentos. Ainda,

fui percebendo que era preciso ter um suporte, um espaço de acolhimento. Por isso, também, a importância da supervisão em grupo para ouvir os casos clínicos dos outros estagiários e as leituras indicadas para esses respectivos casos. Então, tínhamos ali um espaço de diálogo e de expressão das nossas expectativas, frustrações, angústias, erros e acertos.

O experimentar e o vivenciar vamos somente conhecendo à medida em que nos deixamos ser tocados pelo fenômeno que se apresenta, isso porque vai nos possibilitando uma ampliação do horizonte de compreensão sobre as coisas. A percepção e o que faz sentido é individual para cada pessoa, porém aquilo que sensibilizar o outro acaba nos afetando de alguma maneira, produzindo uma espécie de troca interpessoal e permitindo um entrelaçamento das narrativas. Isso me faz lembrar o filósofo Martin Heidegger (2006), que afirma que sem uma disposição fundamental, “tudo é palavreado conceitual e vazio”. Dentre as disposições descritas pelo filósofo, fui especialmente tocada pela angústia, que muitas vezes emerge durante o desenvolvimento de um espaço de escuta ativa e qualificada. É através dessa abertura à angústia, ocasionada pelo “não saber” que podemos ir além do conhecimento teórico no contato com a prática.

Assim, ao me dispor a ouvir os pacientes e os casos que os outros estagiários atendiam, abria-se um espaço para aprender e fazer hipóteses diagnósticas, às vezes, como refutá-las e construir sentidos ainda não pensados, bem como propostas de intervenção em conjunto. Para iniciarmos uma investigação, como afirma Critelli (1996), devemos delinear nossa visão de mundo, pois esse posicionamento irá clarificar a perspectiva de quem está falando e de quem está ouvindo. Nesse espaço foi possível, enfim, reconhecer a fala do outro, relembrar, ressignificar, correlacionar, e assim produzir um lugar de escuta e de fala, elaborando coletivamente a busca pelo saber. Junto com as reflexões, vinham também os referenciais teóricos.

6 - Vivências com pacientes: de pessoa à pessoa.

O início do estágio no Serviço-Escola se dá por meio do agendamento de pessoas inscritas em uma lista de espera. A partir disso, fazemos o primeiro contato, perguntando se há interesse em marcar uma consulta. Pode-se dizer que, nesse momento, estabelece-se o primeiro vínculo entre paciente e psicólogo, através da maneira como nos aproximamos para

oferecer um espaço de escuta. É nesse espaço que vão sendo contadas as histórias do paciente, suas queixas que estarão muitas vezes relacionadas aos acontecimentos cotidianos.

No meu caso, nesse dia, me sentia bastante ansiosa para fazer esse contato. As pacientes agendadas que eram adultas foram mais tranquilas, porém a paciente que era adolescente me causou mais preocupação. Quando liguei, quem atendeu foi a mãe da paciente, que inicialmente pareceu não compreender o motivo da ligação. Expliquei o propósito da minha ligação e comecei a discutir com ela a possibilidade de agendar uma consulta.

A mãe, no entanto, não confirmou de imediato o atendimento. Alegou que a filha não estava em casa e que caberia a ela decidir se gostaria de comparecer à consulta. Apenas na segunda-feira da semana seguinte, a mãe finalmente ligou para o telefone fixo do Serviço-Escola e confirmou o agendamento. Essa experiência, desde o telefonema, já foi desafiadora, pois percebi uma postura reativa por parte da mãe. Ela demonstrava, por algum motivo, certo desconforto, e eu me vi diante do desafio de acolhê-la ao mesmo tempo em que precisava manter uma postura equilibrada - entre a serenidade e a firmeza - durante a conversa.

Para o início desse atendimento, a professora supervisora e eu fizemos um plano de intervenção durante nossa primeira supervisão. Todavia, cabe ao estagiário, a tarefa de identificar e costurar essas histórias, organizá-las e ligar os pontos, juntar cada uma delas e dar sentido enquanto passamos de um acontecimento a outro. Tudo isso é feito em conjunto com a supervisora de estágio.

Chegou, enfim, a primeira sessão! Esse é um atendimento que denominamos de acolhimento. É um dispositivo do processo psicoterapêutico, pois é ali que estabelecemos o vínculo com o paciente. É um momento de conhecimento, aproximação do psicólogo e o paciente, num local seguro e com a garantia do sigilo. O acolhimento, para além disso, requer uma postura ética que implica na escuta qualificada, construção de vínculo e caso se faça necessário, o acesso e articulação entre outros serviços da Rede, sendo ele um direito humano fundamental (Carvalho Et Al, 2008).

É um momento importante para ouvimos essas histórias a fim de compreender as demandas daquele paciente (ou do grupo). Essa queixa estará presente nas narrativas do paciente, que contará suas histórias. Na primeira sessão entraram as duas, mãe e filha, e

quando perguntava algo à filha, ou seja, me dirigia a adolescente, a mãe respondia as perguntas. Comecei a me sentir desconfortável, pois esperava a resposta diretamente da paciente. Nesse momento, o fenômeno já se manifestava parcialmente, logo na primeira sessão.

A mãe não respeitava o tempo de fala da filha, assim fui tendo a sensação de que ela queria controlar a situação. Na continuidade dizia que a filha era muito impulsiva. Senti que ali a mãe desejava naquele momento ser ouvida também, contudo percebi rapidamente que isso mudaria o curso da sessão, ouvi sua resposta com serenidade, e voltei a perguntar para a filha. Por fim, no final da sessão informei que os próximos atendimentos seriam realizados entre eu e a menina. Quando liguei, quem atendeu foi a mãe da paciente, que inicialmente pareceu não compreender o motivo da ligação. Expliquei o propósito da minha ligação e comecei a discutir com ela a possibilidade de agendar uma consulta.

Estar atento ao outro não significa atender às suas demandas, mas construir uma relação de cuidado, abrindo espaço para uma tomada de consciência. É necessário ponderar, fazer uma separação do que é indispensável e do que não é tão importante naquele momento. Às vezes somos levados pela ansiedade, e nesse instante é importante verificar se o pedido que ele trouxe faz sentido ou não. O movimento de tecer o sentido que as vivências se colocam, enriquecem a experiência do refletir, do mostrar possibilidades, do dialogar, do saber acolher, tanto o outro quanto a si mesmo.

A inicial complexidade desse atendimento me fez adotar uma ferramenta importantíssima para a construção dessas narrativas: o caderno de bordo. O que acontecia durante o atendimento e minhas impressões, sensações e preocupações registrava ali. As reflexões que apresento aqui são baseadas na ideia de que a compreensão de nossa existência representa uma abertura para a ressignificação de sentidos.

Quando chegou o horário do atendimento, chamei pelo nome dela na recepção, levei até a sala que reservei anteriormente, e pedi para ela escolher uma poltrona, me contar um pouco mais sobre o que lhe trouxe na clínica, para clarear a demanda. O próprio movimento do acontecer da vida e o discorrer sobre as experiências é um movimento de redescoberta e reformulação dessas experiências. A clínica fenomenológica, em sua proposta de retornar às coisas mesmas, acontece no desenrolar dos fatos aliada a uma atitude crítica e questionadora.

Lembro-me que ao me preparar com antecedência para a sessão, isso reverberava em mim enquanto estagiária, me ajudando a oferecer um espaço interno de escuta, de cuidado.

A paciente me conta sobre seu dia-a-dia na escola. Atualmente cursava o "Novo Ensino Médio", com 21 disciplinas e extensão da carga horária, devido a oferta de disciplinas obrigatórias, os chamados "itinerários formativos", cujos conteúdos eram novidade para o corpo docente, para a gestão da escola e para os discentes. Quando ela disse isso, consegui visualizar outras facetas desse fenômeno denominado "queixa escolar" ou "fracasso escolar".

O *Dasein* é o ente que levanta questões a fim de conhecer seu próprio ser, dentro de sua existência, e que pode entender essa existência como uma possibilidade de ressignificação, de transcendência, uma vez que ele está e se transforma no (e com o) mundo, num possível vir-a-ser. (Benedito Nunes, Heidegger & Ser e Tempo, 2002). Esse momento foi um importante passo para convidar a paciente a abrir espaço para buscar essa percepção de si mesma, e para além disso, se projetar para fora, em direção a outras formas de pensar sobre as circunstâncias e dar novos sentidos, encontrar elementos que permitam acessar o ente em relação a sua própria existência. Como dizia Heidegger:

[...] sentido é aquilo em que a entendibilidade de algo se mantém, sem que ele mesmo fique exposto e tematicamente à vista. Sentido significa aquilo-em-relação-a-quê do projeto primário, a partir do qual algo pode ser concebido em sua possibilidade como o que ele é. O projetar abre possibilidades, isto é, abre o que possibilita algo. (2012a, pp. 881-883).

Isso despertou uma preocupação em mim sobre como me posicionaria. Na semana seguinte, a paciente me relata acerca da família. Questiono sobre o pai. Ela disse que prefere não manter contato, mas por insistência da mãe, acompanhou a irmã mais nova na visita do dia dos pais, mas que elas não tiveram uma boa experiência lá. Confesso que nesse instante fiquei sem reação e, ao mesmo tempo que me mobilizei para acolhê-la, busquei algum referencial teórico para refletir sobre a magnitude dessa violência.

Para Arendt (2003), os adultos é que ficam responsáveis por apresentar o mundo para as crianças e adolescentes. Esses, por sua vez, experimentam o mundo por meio dessas orientações e vão em busca de pertencimento, segurança e nele se desenvolvem dadas as

condições do meio. Assim, torna-se fundamental refletir sobre a questão da violência, bem como do desamparo no sentido arendtiano.

Eu mesma me sentia desamparada naquele momento, apesar de contar com o apoio da supervisora e da terapia pessoal. Tinha, ali, os referenciais teóricos que ofereciam suporte para compreender as questões envolvidas no caso da paciente. Mesmo assim, ao ouvir essas narrativas, sentia-me perdida e impotente por não ter recursos suficientes para intervir. Naquele momento sentia que só podia oferecer uma escuta qualificada, mas me sentia responsável por fazer mais. Talvez um sentimento de impotência diante dos desafios que ali se apresentavam, tanto em relação a como estava me sentindo vivenciando esse estágio, com a bagagem que tinha construído até então sobre a temática, e que agora era momento de estabelecer uma relação com o caso atendido, de elaborar um raciocínio clínico que se articule com os recursos que se dispunham no momento, e, que estavam ao meu alcance. Depois de algum tempo, fui compreendendo que isso tinha a ver com minhas expectativas em relação ao papel do psicólogo, e em contrapartida, aos limites da Rede.

Nesse momento, percebi que em alguns momentos, nós, psicólogos (os formados e os que ainda estão em processo de formação) certas vezes, temos dificuldade em acessar nossas próprias emoções. Seja em razão das tarefas do dia-a-dia, seja porque nossa atenção esteja voltada para o outro, acabamos por adiar essa percepção de nós mesmos. As emoções estão ali presentes num pano de fundo, mais em função de como precisamos agir com o outro do que conosco mesmos. Tais emoções abrigam experiências muito relevantes que podem nos ajudar a compreender muitas coisas importantes. Quando nos sentimos aceitos, aprendemos a aceitar o outro, e ao reconhecermos o outro, nos reconhecemos também.

Em supervisão, propomos então um atendimento somente com a mãe. Ela chega na clínica mais cedo que o horário proposto. É fumante, e quando fica ansiosa anda de um lado para o outro. Ao chamá-la na sala de espera, encontrei-a com essa expressão. Entramos no ambiente e solicitei que me narrasse desde o princípio a história envolvendo o pai das meninas. O contexto de origem dos pais da minha paciente favoreceu a perpetuação de determinados comportamentos e em situações de risco, que se intensificava gradualmente. Isso ainda acontecia, já que as filhas ainda o visitavam ocasionalmente.

Arendt (2002) indica que somos inclinados a lidar com o desconhecido através da expectativa, e que vamos em direção ao futuro impulsionados pelo medo ou pela esperança.

Nessa perspectiva, é importante que a esperança de um novo amanhã seja maior que o medo do que esteja por vir. Assim, iniciamos um movimento em direção ao rompimento dessa violência, pensando, em conjunto com a professora supervisora, novas possibilidades devido à complexidade dessas questões centrais.

A escola também estava de certa forma num lugar de especial responsabilidade na tentativa de apresentar o mundo e a novidade por meio da educação. Quando a escola faz esse papel, conseguimos encontrar possibilidades de compreender o mundo, constituir-se enquanto sujeito de direitos, transformar algo comum do cotidiano em novidade. Não somente oferta de atividades, mas para além disso, possibilitar uma renovação da relação mundo-indivíduo. O mundo, para Arendt (2016) se renova a cada dia, uma vez que somos possuidores da capacidade de iniciar algo espontaneamente. A partir da novidade, o ser humano pode ser e agir no mundo comum, imprimindo um novo significado.

A família e a escola, nessa perspectiva tem um papel fundamental para inserir a cultura, as tradições, a música, o esporte, os princípios éticos, as regras de funcionamento social, os símbolos, para que as experiências que daí surgirem tenham caráter formativo na interação com o mundo pela cognição ou pela imaginação. Assim entendemos que somos livres para agir e construir um futuro, Arendt (2003). Na própria Constituição de 1988, artigo 227, em parceria com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) fica estabelecido que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CF, art. 227).

Temos também a Lei Maria da Penha, que prevê medidas de proteção à integridade física e moral da família em condições de violação de direitos, conforme o trecho a seguir:

Art. 22. Constatada a prática de violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos desta Lei, o juiz poderá aplicar, de imediato, ao agressor, em conjunto ou separadamente, as seguintes medidas protetivas de urgência, entre outras:

IV - restrição ou suspensão de visitas aos dependentes menores, ouvida a equipe de atendimento multidisciplinar ou serviço similar; (Lei 11.340/2006, art. 22)

Essa lei adota medidas de prevenção para evitar que a violência atinja seu ponto máximo, como no caso do feminicídio. Pode-se dizer que um objetivo é estabelecer mecanismos de proteção para mulheres e suas famílias em situação de violência, incluindo seus dependentes. A lei também propõe a criação de programas e serviços de proteção e assistência social, psicológica e judiciária, além de garantir atendimento gratuito e humanizado. Sabemos que essas muitas vezes as leis não têm sido suficientes para atender às necessidades e assegurar os direitos básicos e fundamentais para a dignidade das famílias vítimas de violência.

Se um indivíduo compreende a forma como o mundo se apresenta, poderá então ressignificar e se responsabilizar pela busca de novos horizontes. Os adultos, acostumados com uma realidade “dura” da qual experimentaram, tem dificuldade em acreditar que ela pode ser modificada. A oferta desses serviços pode fazer com que haja uma nova perspectiva, já que ficam autorizados de seu passado e livres para construir um novo amanhã.

Daí a importância de os adultos enxergarem as crianças e adolescentes como iniciantes de uma nova realidade, oferecendo acolhimento, proteção. Mudando a própria relação com o mundo, os adultos conseguem ressignificar a sua realidade, ainda que na própria infância não tenham tido oportunidade de experimentar algo diferente, mesmo assim poderão se permitir ser responsáveis por buscar essa mudança. Ainda, somente na presença dos adultos é que as crianças e adolescentes podem compreender que são pertencentes a esse mundo, podendo transformar e ser transformados por ele, ainda que seus antepassados não tivessem conseguido (Arendt, 2003).

Sendo assim, a família e a escola têm um papel fundamental na constituição da subjetividade da criança e do adolescente. Não somente para assegurar os direitos. São essas relações que transmitirão um olhar de confiança, um diálogo acolhedor, atenção e afeto, como coautores das histórias uns dos outros (Arendt, 2016). Isso posto, Arendt afirma:

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 2003, p. 247).

Por isso, decidimos que seria importante que fizesse uma visita na escola da paciente. Na sessão, perguntei o que ela achava, porém a paciente pediu para que eu não fosse na escola para não sofrer exposição em decorrência dos fatos. Conversamos sobre isso e garanti a ela que guardaria sigilo, que somente iria falar aquilo que combinamos. Por fim, então ela concordou.

Nossa história de vida é formada de pequenas histórias, que podem ser contadas e recontadas à medida em que vamos fazendo uma releitura dos acontecimentos. Podemos, inclusive, agir sobre os fatos, mudar o destino das coisas, se as compreendermos, refletindo sobre elas e construindo pequenas narrativas no dia a dia. A narrativa da própria história é uma ferramenta para visualizar novos sentidos, por isso a filosofia fenomenológica nos auxilia na ampliação da compreensão disso, uma vez que evidencia as experiências no mundo e pretende trazê-las à manifestação consciente.

Na acepção de Husserl (2008), os fenômenos são a manifestação das coisas à nossa consciência, assim todo conhecimento é também um conhecimento de si, já que a consciência revela os fenômenos, e portanto, mediante uma intencionalidade. O mundo pode ser compreendido pela luz da consciência, ou seja, as vivências acontecem por meio de uma experiência consciente. E para captar a essência das coisas do mundo, é necessário ir ao encontro das coisas em si mesmas, e como elas são. A atitude fenomenológica, nesse sentido, é uma suspensão do julgamento prévio ou da atitude natural diante do mundo, em busca de uma compreensão do fenômeno em sua originalidade.

Na Fenomenologia de Husserl, o fenômeno é compreendido a partir do desprendimento de julgamentos prévios. Isso só é possível mediante o método fenomenológico que visa “colocar entre parêntese” as crenças e pressupostos. Ainda, segundo Husserl, a Fenomenologia é, para além de ser apenas um método, é também uma atitude que tem o objetivo de desvelar o sentido das coisas, num movimento intencional da consciência. E é um exercício de reflexão filosófica para revelar a origem do fenômeno, a atitude fenomenológica, pois nela colocamos entre parênteses, ou seja, suspendemos o julgamento e os conceitos (advindo de experiências prévias) a priori para ver a manifestação do fenômeno em sua forma original (Borba, 2010).

A atitude fenomenológica nos auxilia a acolher e perceber a relação em que as coisas se mostram a nós, de diferentes maneiras. O psicólogo, nesse sentido, precisa questionar tudo o que parece óbvio, fazer um retorno à consciência e buscar a essência real do fenômeno, ou seja, realizar a redução fenomenológica (Ales Bello, 2006), que desperta no psicólogo o pensamento científico e crítico do fenômeno, Merleau-Ponty (1945/1994). Ele afirma que o fazer psicologia é mover-se em direção a uma abertura às coisas, já que "não há explicação sem compreensão" (p. 164).

Talvez não seja possível modificar o passado, ou acontecimentos presentes, porém conseguimos observar como nos posicionamos diante deles. Aí está a possibilidade da construção de nossa história pessoal por meio da narrativa. Essa pequena descoberta me trouxe esperança para continuar buscando alternativas para fazer o contato com a escola, pois isso me ajudaria a ter uma visão mais ampla do fenômeno. Assim, dando continuidade ao atendimento, busquei contato com a escola. Conversamos a respeito da paciente, que estava sendo atendida no CENPS, e, percebi que elas tiveram bastante dificuldade para fazer uma reflexão sobre a vida escolar da minha paciente.

Durante essa visita à escola, percebi a existência de algumas questões de natureza institucional. Com essa visita à escola, percebi que mais do que problemas de ordem familiar, haviam questões de ordem institucional. Os professores também estão enfrentando dificuldades de adaptação a esse novo modelo, o Novo Ensino Médio. Ali, compartilhei algumas preocupações referentes à minha paciente, garantindo o cumprimento do acordo estabelecido na clínica, e sugeri que registrassem o nome da aluna na agenda. Dessa forma, poderiam observá-la com mais atenção e, futuramente, chamá-la para uma conversa.

A visita à escola foi um momento crucial para entender melhor as dificuldades enfrentadas pela minha paciente. Embora inicialmente parecesse desafiador estar naquele ambiente para uma reflexão, a experiência revelou questões importantes. Durante a visita, percebi que havia diversos desafios institucionais que impactavam diretamente a vida escolar da minha paciente. Algumas dessas questões incluíam recursos limitados, tanto em de infraestrutura, quanto em termos de um suporte para alunos, oferecendo apoio pedagógico, além disso, havia uma falha na comunicação entre a escola e os pais, o que dificultava o envolvimento das famílias no processo educacional de seus filhos, isso estava impactando na vida escolar da paciente.

A minha paciente relatava se sentir sobrecarregada e desmotivada em relação aos estudos, o que estava colaborando para um cenário de “crises de ansiedade”: A pressão de estar em uma turma grande e a ausência de apoio emocional contribuíram para que se sentisse estressada. Os formatos rígidos de avaliação lhe faziam sentir-se pressionada.

Essas limitações institucionais afetaram o desenvolvimento acadêmico da paciente, resultando em dificuldades de aprendizado em várias disciplinas. Nessas situações, é essencial que a escola e a comunidade trabalhem em conjunto para superar essas barreiras institucionais, como oferecer formação continuada para professores, implementar políticas que permitam avanços, o fortalecimento da comunicação entre a escola e as famílias para abordar essas questões. E, se necessário, acionar a Secretaria de Educação, para encontrar possíveis alternativas.

Quanto às últimas supervisões individuais, minha supervisora de estágio e eu percebemos que a dimensão do fenômeno da "crise de ansiedade" se entrelaçava também com uma "crise familiar" e uma "crise institucional", em si mesmo multifacetado. Liguei e pedi que além da paciente, as irmãs também viessem, acompanhadas pela mãe. No atendimento com a família, somente a mãe e a adolescente compareceram.

Minha supervisora e eu atendemos em conjunto nesse dia. Iniciamos o atendimento retomando a questão das "crises de ansiedade" e perguntamos como a adolescente vinha se sentindo com o decorrer dos atendimentos, se ela havia percebido uma melhora. Conversamos também a respeito da visita à instituição, e, respeitando o sigilo dentro do que foi combinado previamente entre mim e a paciente, abordamos as questões mais graves da vida escolar da adolescente, sobre como ela se sentia, e os aspectos mais relevantes em

relação à influência da violência se entrelaça em sua trajetória, com os episódios de “crise de ansiedade”.

É interessante que essas crises aconteceram ali, no âmbito escolar. Falamos sobre a relação dessas crises como uma forma de reagir a essa transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, os impactos da pandemia e o excesso de expectativas sobre a integralização curricular, sobre as notas e a organização da quantidade de disciplinas. O fracasso escolar vem sendo percebido como um fator de cunho psicológico na ocasião da repetência e principalmente da evasão escolar, desde o início da implantação do sistema educacional brasileiro. O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” afirma que:

[...] o que distingue da escola tradicional a escola nova, não é, de fato, a predominância de trabalhos de base manual e corporal, mas a presença, em todas as suas atividades, do fator psicobiológico do interesse, que é a primeira condição de uma atividade espontânea e o estímulo constante ao educando... a buscar todos os recursos ao seu alcance, graças à força de atração das necessidades profundamente sentidas. (Lourenço Filho, 1984, p. 416).

Dessa forma, fizemos os apontamentos principais e falamos sobre possíveis encaminhamentos. Depois disso, falamos sobre o fim do semestre, e como a supervisora iria fazer um pós-doutorado, teria a possibilidade de transferir o caso para um outro estagiário e professor supervisor. Também sugerimos a articulação com outros locais da Rede que ofereciam atendimento.

A paciente ainda me procurou na clínica para um atendimento de emergência. Dessa vez veio acompanhada pela irmã mais velha, a mesma que lhe trouxe no dia que ela teve um mal-estar na escola e recebeu o acolhimento com a técnica de atendimento (a qual colocou seu nome na lista de espera para ser atendida posteriormente pelos estagiários). Conversamos sobre a finalização do semestre e a previsão de início do próximo semestre.

Devido a não continuidade do estágio em fenomenologia-existencial, acabei fazendo outro processo seletivo. Encontrei possibilidades de estágio agora somente na perspectiva da Psicanálise. Bem, ao fazer a prova e a entrevista com a professora, falei que gostaria de

continuar atendendo a paciente. A professora concordou. Ao iniciar o próximo semestre, entrei em contato com a paciente, depois de algumas tentativas, a mãe me disse que ela estava morando com a avó.

Pedi para que a mãe viesse com a menina, porém devido sua agenda de trabalho, não conseguimos encontrar um horário. Ela sugeriu que a sua filha mais velha, a qual era maior de idade, acompanhasse a irmã, mas a supervisora de estágio não concordou, já que a responsável legal da paciente era a mãe, exclusivamente. Dessa forma, entrei novamente em contato com a mãe e expliquei que a clínica não poderia receber a paciente sem a presença do responsável legal. Por esse motivo, tivemos que encerrar o processo de atendimento, uma vez que não conseguimos encontrar um horário compatível na agenda da mãe.

Nesse processo de condução do encerramento, fui compreendendo sobre a necessidade do cuidado no processo de estágio, cuidado esse que podemos fazer de forma a explorar a singularidade do paciente, dentro do contexto da clínica. Aí, a relação terapêutica é vivenciada como algo fundamental no processo psicoterapêutico, já que pode se tornar uma forma de encontro, uma experiência mútua de estar presente com o outro, de estar aberto a acolher, apreciar e valorizar profundamente, o fato de estar em relação a pessoa, nesse processo. Não apenas acolher por mera formalidade superficial, ou por conveniência. Saber ser acolhedor é deixar que o outro se sinta confortável de se mostrar como realmente é, fazendo um convite para que ele também se acolha, se abrindo a nós e a si mesmo. (Romero, 2001).

É imprescindível que as necessidades do estagiário de psicologia sejam levadas em consideração, uma vez que ali está sendo construída uma relação terapêutica. Ele se dispõe a desenvolver uma relação de confiança, ao ouvir o cliente, sem julgamentos prévios, ao buscar referenciais teóricos. Isso exige uma preparação, no sentido de que vai demandar do terapeuta alguns recursos internos que devem ser aprimorados durante a jornada, e por isso ressalto aqui a importância da terapia pessoal, para além da supervisão com o orientador.

Nesse processo que fui entendendo o fazer do psicólogo, no trabalho de condução do paciente para uma possível transformação pessoal, ele mesmo tem a possibilidade de ser transformado, ao movimentar-se em direção a assumir ali sua proposta de mudança. Assim, o espaço terapêutico é um lugar privilegiado, de desenvolvimento, de consciência.

7. Minhas percepções sobre a postura do psicólogo.

Na clínica-escola, tive a oportunidade de confirmar e questionar os conhecimentos que enquanto estudante de psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, adquiri ao longo de todo o curso, uma vez que essa atividade se movimenta infinitamente através das narrativas construídas na relação psicólogo e paciente.

Por meio dos atendimentos consegui encontrar sentidos e rever possibilidades, compreender e descrystalizar formas de pensar enrijecidas, por mais singulares que sejam. Os sentidos construídos através das narrativas são realizadas em congruência com a compreensão da experiência pessoal, ainda que tenham sido mescladas em um emaranhado de histórias. Essas narrativas podem parecer desconexas no início, porém ao organizá-las, damos um novo significado.

Formar é proporcionar uma forma, mas não é modelar uma forma. Ao formar estamos oferecendo um continente e uma matriz a partir dos quais algo possa vir-a- ser. [...] Ser-psicólogo é, por exemplo, saber lidar com a multiplicidade sem recorrer às mais fáceis respostas à angústia que sempre nos acomete quando nos defrontamos com o indeterminado: o dogmatismo e o ecletismo. [...] Em outras palavras, ser-psicólogo, independentemente das escolhas teóricas de cada um implica em situar-se nos campos da epistemologia e da ética, não sendo jamais apenas um feixe de habilidades técnicas. (Figueiredo, 1996, pp. 117-118).

Fica evidente que as relações entre estagiário e supervisão, em parceria com a instituição, são elementos básicos para proporcionar aprendizagens. Dessa forma, é compreensível que é por meio da interação com os outros estagiários, experiência construída pelos estagiários a partir do fazer do psicólogo, colabora para a apropriação de novos conhecimentos. Ao sermos inseridos no campo de estágio, a clínica, promovemos mudanças, ao tempo que também somos modificados por este.

Ao mesmo tempo, esse desenvolvimento estarão interligados às condições de oferta do estágio, sobre a organização dos estágios, o prazo para realização das inscrições, a diversidade de abordagens, a sensibilidade do supervisor ao compreender e agir com assertividade nos momentos de aprendizado, em que nos propomos a errar e acertar, fazendo

simulações de atendimento. É importante buscar uma compreensão ampla do processo, não isolando o fenômeno em sua totalidade, num movimento dialético.

Para Vygotsky (2007), as habilidades como a linguagem e o pensamento, importantes para a atuação clínica, desenvolvem-se primeiramente em um nível social, ou intersíquico, somente depois a nível individual, ou intrapsíquico, e então, ocorre o seu processo de humanização. Assim, é importante oferecer condições favoráveis para que as atividades sejam realizadas a fim de que, nesse processo, os estagiários sintam que podem aprender, experimentar, e ali se desenvolver enquanto profissionais.

Ao contrário, quando falta esse acompanhamento, especialmente para os alunos em situação de vulnerabilidade, que necessitam de cuidados específicos que atendam às suas necessidades, seja no que diz respeito à acessibilidade aos seus direitos básicos, seja inclusão, garantindo respeito, participação plena e empatia. Isso vai além de simplesmente adaptar ambientes físicos, é fundamental mudar a maneira como as pessoas pensam e agem em relação à diversidade humana, que inclui etnia, gênero e classe social, sem esquecer o acesso a oportunidades reais. Assim, podemos refletir em relação a relevância desse assunto, a fim de tornar o processo de estágio cada vez mais inclusivo, para que esses alunos possam concorrer e aproveitar plenamente o estágio. Essa situação pode trazer dificuldades, pois eles poderão enfrentar desafios que dificultam o desenvolvimento de suas atividades.

Neste estudo, busco fazer uma breve reflexão sobre a vida cotidiana da clínica, utilizando a atividade do pensar como base na busca da compreensão da realidade e da ampliação da visão de mundo. De acordo com Arendt (2002), o pensamento pode ser dividido em três dimensões: o pensamento reflexivo (filosófico), o pensamento científico e o pensamento acerca da vida prática.

A alienação das políticas públicas que deveriam garantir os direitos fundamentais das famílias resulta no afastamento das crianças e adolescentes da percepção de si como seres detentores de direitos. Nossa consciência de ser sujeito de direitos emerge na convivência social, em espaços de interação comunitária. A cidadania, segundo Arendt (2004), é o direito a ter direitos. As famílias, muitas vezes, ficam inviabilizadas de ter acesso às condições mínimas de subsistência, quanto mais de conseguir vislumbrar possibilidades de mudança.

Frequentemente, os profissionais tendem a culpabilizar o indivíduo por coisas que são determinadas por fatores culturais, históricos e sociais. O fenômeno psicológico é,

portanto, um fenômeno construído socialmente e que precisa ser compreendido em seu grau de complexidade. Dadas as circunstâncias, as famílias ficam responsáveis por dar conta dessa singularidade, porém Arendt afirma que toda autoria na vida humana é construída em coautoria, principalmente quando se trata de assuntos relacionados à integralidade dos direitos humanos. O Estado deve assegurar os requisitos básicos para garantir a dignidade humana, implementando políticas públicas inclusivas fundamentadas em uma reflexão crítica sobre os direitos fundamentais.

Diante disso, considero que seja papel do psicólogo identificar demandas através de uma escuta qualificada, oferecer acolhimento às famílias em situação de vulnerabilidade e violência intrafamiliar, bem como respeitar o sigilo da família e do paciente em situação de risco, legitimando sua fala.

8. Considerações finais: Articulação da Problemática, Abordagem e Resultado

Esse estudo foi elaborado mediante minhas experiências no curso de psicologia, e tomou forma com a aplicação prática desses conhecimentos que adquiri ao longo do estágio profissionalizante. Encontrei, na abordagem fenomenológica, uma fonte tanto científica quanto terapêutica para compreender a prática clínica. O método Históriobiográfico foi indispensável para a construção desse trabalho, já que nele é dada a possibilidade de refletir sobre as vivências da própria história em forma de narrativas (unidades de sentido) e fundamentá-las de forma científica.

O acesso digno, adequado e gratuito ao serviço de saúde realizado pela clínica-escola, a qual é parte constituinte da Rede, no Sistema Único de Saúde (SUS), constitui um direito humano básico. Nessa perspectiva, o psicólogo, como instrumento desse serviço de saúde, fica incumbido de orientar e quando necessário, encaminhar o paciente para outros serviços da Rede, atuando na promoção dos direitos humanos individuais e coletivos, de forma integral e gratuita. E não somente orientação, mas trabalhar em prol da conscientização desses direitos.

Durante todo meu percurso enquanto estudante de psicologia, vivenciei os momentos mais importantes, que me permitiram constituir-me enquanto futura psicóloga. A construção

do ser psicólogo é gradativa. O estágio é a grande oportunidade de experimentar um contato mais próximo com a realidade da clínica.

A proposta deste trabalho foi apresentar no formato de narrativas, divididas em unidades de sentido e baseadas no referencial teórico da Historiobiografia, como todas essas vivências mais me tocaram, e como consegui lidar em determinadas situações, sobre minhas angústias, inquietações, questionamentos, a importância da supervisão, da terapia pessoal e o papel do psicólogo diante dessas situações. Ademais, a conduta de um profissional da psicologia é construída ao longo da caminhada. A postura de um psicólogo é desenvolvida no dia a dia, mediante as leituras, na sala de aula quando fazemos nas apresentações, nas visitas de campo, nas observações, nas experiências trocadas nos corredores, e principalmente nos estágios. Essas leituras se relacionam com a visão de mundo e com os valores de cada estudante.

Ao questionar e refletir sobre suas próprias bases teóricas e práticas, o psicólogo pode se tornar um profissional mais consciente, ético e isso contribui para um trabalho mais significativo. Esse raciocínio possibilita uma compreensão mais profunda dos processos mentais e emocionais do paciente. O psicólogo poderá se despojar de preconceitos e conceitos pré-estabelecidos, conseguindo enxergar a experiência humana de forma mais pura e objetiva.

Um dos fatores que mais me auxiliaram nos momentos do estágio foi a supervisão, parte indispensável para a construção dos atendimentos, reflexões teóricas e das angústias que me cercavam. Ter escolhido e ter sido chamada para a realização do estágio supervisionado por uma professora supervisora foi algo muito marcante, e de grande importância para mim. O aceite do meu orientador também fez total diferença na organização e na fundamentação teórica.

Na minha experiência pessoal, o estágio profissionalizante foi uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional. Tive a oportunidade de elaborar muitas questões que atravessam o processo de aprendizagem de um estagiário de psicologia. Sem dúvidas, este trabalho me proporcionou a experiência de revisitar os momentos que movimentaram essa construção, elaborar essas experiências e atribuir sentidos, e aprender a realizar o raciocínio teórico-prático por trás das intervenções psicológicas, agora de uma maneira de pensar mais crítica e pautada por muitas reflexões.

Ao longo de minha trajetória acadêmica no curso de Psicologia, vivenciei eventos cruciais que exerceram uma influência significativa na consolidação de minha identidade profissional como futura psicóloga. A construção dessa identidade no âmbito da Psicologia constitui um processo gradual e dinâmico, em que o estágio desponta como uma oportunidade ímpar para o contato direto com a realidade da prática clínica.

Assim, o presente estudo teve como objetivo relatar, por meio de narrativas organizadas em unidades de sentido e fundamentadas no referencial teórico da Historiobiografia, as vivências mais marcantes nesse percurso. Também intencionou explorar como enfrentei diferentes situações, compreendendo minhas angústias, inquietações e os questionamentos emergentes ao longo do processo formativo. Ademais, foram discutidos aspectos centrais, como a relevância da supervisão acadêmica, da terapia pessoal e do papel desempenhado pelo psicólogo diante dos desafios inerentes à prática profissional.

A conduta ética e a postura profissional no campo da Psicologia resultam de um processo contínuo de desenvolvimento, nutrido por diversas experiências formativas. Entre essas experiências, destacam-se as leituras acadêmicas, as atividades em sala de aula, apresentações teóricas, visitas de campo, observações práticas e, principalmente, os estágios supervisionados. Tais vivências se articulam com a visão de mundo e os valores individuais de cada estudante, promovendo uma integração entre o aprendizado teórico e a prática.

Particularmente, o estágio profissionalizante desempenhou um papel central no meu crescimento pessoal e profissional. Essa experiência proporcionou-me um espaço privilegiado de aprendizagem ativa e reflexiva, permitindo revisitá-la sob uma perspectiva crítica e fundamentada. Como resultado, foi possível aprofundar a compreensão sobre os aspectos que compõem a formação em Psicologia, promovendo um refinamento nas reflexões acerca do desenvolvimento da identidade e da postura profissionais.

A importância do estágio na formação do futuro psicólogo é um tema que provoca reflexões significativas acerca da construção da identidade profissional. A transição do estagiário para a fase de profissionalização é uma fase marcada por emoções intensas, como angústia e ansiedade, que surgem diante das dificuldades enfrentadas na prática. Nesse sentido, o estágio, como a primeira experiência prática, representa um momento fundamental que não apenas desenvolve as habilidades técnicas, mas também impacta a vivência do futuro psicólogo para a compreensão da dinâmica e do manejo do processo terapêutico. Assim, a

experiência inicial do estágio é rica em ensinamentos e que, ao longo do tempo, ocorre uma apropriação gradual desse novo lugar, o papel de psicólogo. Dessa forma, revela que presença do supervisor em suas intervenções, o que não apenas enriquece a prática, mas também proporciona apoio para enfrentar as complexidades emocionais do setting terapêutico.

A problemática central deste trabalho foram as vivências e os enfrentamentos neste processo de estágio, a compreensão de como a queixa na clínica esteve relacionada à complexidade das dinâmicas familiares e escolares vivenciadas por uma adolescente em sofrimento psíquico, refletido inicialmente por uma "queixa escolar". Desde o primeiro contato com a mãe da paciente, já era possível identificar uma dificuldade de comunicação e uma postura reativa, sinalizando um ambiente familiar desafiador e, possivelmente, atravessado por episódios de violência simbólica e emocional.

A abordagem adotada foi fundamentada na perspectiva fenomenológico-existencial, considerando o acolhimento como espaço privilegiado para a escuta qualificada, a construção do vínculo terapêutico e a abertura de sentidos a partir das narrativas pessoais. Utilizei como recurso o caderno de bordo para registrar, refletir e compreender melhor os sentimentos, tensões e significados emergentes em cada sessão. O plano de intervenção, construído em conjunto com a supervisora, guiou a escuta atenta às manifestações subjetivas da paciente e ao contexto familiar, buscando compreender o fenômeno em sua totalidade.

No decorrer dos atendimentos, ficou evidente a necessidade de ampliar o olhar para além da adolescente, propondo também um atendimento à mãe. Essa decisão permitiu acessar um histórico familiar marcado por relações difíceis, contribuindo para o entendimento da dinâmica familiar e da sobreposição de vozes no espaço da escuta.

Como resultado, foi possível promover um espaço de abertura e de escuta individual para a adolescente, respeitando sua subjetividade e oferecendo segurança para que ela pudesse narrar sua história. A supervisão foi fundamental para refletir sobre os limites da atuação profissional, ressignificar o sentimento de impotência diante da dor do outro e compreender que a escuta, por si só, já representa uma potente forma de cuidado. A partir desse percurso, foi possível observar pequenos avanços na capacidade da paciente de se colocar, elaborar suas experiências e vislumbrar novas possibilidades de existência.

Durante todo o percurso como estudante de psicologia, vivenciei momentos marcantes que contribuíram diretamente para a construção da minha identidade profissional.

A formação do psicólogo se dá de maneira gradual, permeada por vivências em sala de aula, leituras, intercâmbios com colegas, visitas técnicas, observações e, especialmente, pela prática nos estágios. Tais experiências são atravessadas pela visão de mundo e pelos valores pessoais de cada estudante, compondo o modo singular com que cada um se constitui enquanto profissional.

A supervisão desempenhou papel essencial nesse processo, oferecendo apoio teórico e emocional diante das dificuldades enfrentadas. A experiência de estágio profissionalizante se configurou, para mim, como uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional. Revisitei momentos desafiadores que mobilizaram a construção do meu ser psicóloga, pude elaborar essas vivências com maior criticidade e atribuir novos sentidos às situações experienciadas. Essa trajetória permitiu exercitar o raciocínio teórico-prático necessário à intervenção psicológica e reforçou a convicção de que a conduta ética para desenvolver um olhar sensível e uma escuta qualificada ao longo dos atendimentos são ferramentas indispensáveis para uma prática clínica transformadora.

Por fim, acredito que ao refletir criticamente sobre a própria prática e dialogar com os referenciais teóricos, o psicólogo em formação pode ampliar sua consciência profissional, desenvolver uma postura mais ética e efetiva, e oferecer intervenções que realmente considerem a singularidade do outro. Essa experiência marca, de maneira profunda, a transição de estudante para profissional, consolidando os pilares que sustentarão a atuação futura na psicologia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Anjos, E. E. (2003). A banalização da violência e a contemporaneidade. In T. Camacho (Ed.), *Ensaio sobre violência* (pp. 61-82). Vitória: Edufes.
- Arendt, H. (2009). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1970).
- Arendt, H. (2002). *A dignidade da política*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- Arendt, H. (2003). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Arendt, H. (2013). *As Origens do Totalitarismo*, São Paulo, Companhia do Bolso.
- Arendt, H. (2016). *A crise na Educação*. In: ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc.
- Bello, A. A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC.
- Bitondi, F. R.; Setem, J. (2007). A Importância das habilidades terapêuticas e da supervisão clínica: uma revisão de conceitos. *Revista Uniara*, n. 20, pp. 203-212.
- Borba, J. M. P. (2010). A fenomenologia em Husserl. *Revista do NUFEN*, 2(2), 90-111. Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007&lng=pt&tlng=pt
- Brasil. (1990) *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069/90*, de 13 de Julho de 1990. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. *Lei Maria da Penha: LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006*. Disponível. Acesso em 18 outubro 2023.

Carvalho, C. A. da C., Medina, R. M., Bossetto, S., & Cruz, T. A. (2014). Grupo de acolhimento: relato da experiência. *Psicologia Revista*, 17(1/2), 43–58. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18020>

Conselho Federal de Psicologia. (2001). Quem é o psicólogo brasileiro? Brasília: Author. Recuperado de: <http://www.pol.org.br/publicacoes/materia.cfm?id=101&materia=520>.

Critelli, D. (1996). Analítica do sentido: uma aproximação de interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense.

Critelli, D. M. (1981). Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica. (2. ed.). São Paulo: Cortez/Autores Associados.

Critelli, D. (2012). História Pessoal e Sentido da Vida, São Paulo, Educ Fapesp.

Deloers, J. (2003). Os Quatro Pilares da Educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. 8ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO. p. 89 – 102.

Del Prette, G.; Del Prette, Z. A. P; Meyer, S. B. (2007). Psicoterapia com crianças ou adultos: expectativas e habilidades sociais de graduandos de psicologia. *Estudos de Psicologia*, vol. 24, n. 3, pp. 306-314.

Figueiredo, L.C. (1995). Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: EDUC. Pág. 72.

Figueiredo, L.C. (1996). Revisitando as Psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: Vozes.

Foucault, M. *Hermenêutica do sujeito* (2004). São Paulo: Martins Fontes.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.

Goto, T. A. (2015). Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo, SP: Paulus.

Heidegger, M. (1927). *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho, Rio de Janeiro. Vozes, 2012a.

Heidegger, M. (2001). Ensaaios e conferências. (E.C. Leão, G. Fogel, M.S.C.Schuback, trads). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1976).

Heidegger, M. (2003). A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (2005). Ser e tempo. Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco.

Heidegger, M. (2006). *Aportes a la filosofía: acerca del evento*. Buenos Aires: Editorial Biblos.

Heilborn, M. L. (1991). Gênero e Condição feminina: uma abordagem antropológica. In: NEVES, M. R. Mulheres e políticas públicas. Ibm/UNICEF, pp. 23-37, p. 28

Husserl, E. (2008). A crise da humanidade europeia e a filosofia. Porto Alegre; EDIPUCRS. Disponível em:
<http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf>. Acesso em 24 de out. 2023

Juliano, J. C. (1999). A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal. São Paulo, SP: Summus.

Krug EG, Mercy JA, Dahlberg LL, Zwi AB. (2002). The world report on violence and health. Lancet. Oct 5;360(9339):1083-8. doi: 10.1016/S0140-6736(02)11133-0. PMID: 12384003.

Leontiev, A. N. (1978). Actividade, consciência e personalidade. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000004.pdf>

Mondin, B.(1977). Curso de Filosofia. 6a ed. São Paulo: Paulus.

Nunes, B. (1986). Passagem para o poético. São Paulo, SP: Ática.

Filho, L. A. (1984). Educação, problema nacional. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, 65(150):369-383, maio/ago.

Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945).

Minayo, M. C. S.; Souza, E. R. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 513-531, nov.

Mosena, L. C., & Bossi, T. J. (2022). Exposição à violência conjugal na infância e perpetuação transgeracional da violência: Revisão sistemática. *Psico*, 53(1), e39088. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.39088>

Nunes, B. (2002). *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020). “Psicologia Fenomenológica” de Husserl - a (In)compreensão de Psicólogos Brasileiros: Um Estudo Empírico. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 20(4), 1066–1087.

Romero, E. (2001) *Neogênese: o desenvolvimento pessoal mediante a psicoterapia*. 2.ed. São José dos Campos: Novos Horizontes.

Tavora, M. T. (2002). Um Modelo de Supervisão Clínica na Formação do Estudante de Psicologia: A Experiência da UFC. *Psicologia em estudo*, Maringá, vol. 7, n. 1, pp. 121-130.

Villatore O, F.; Furtado H, A.; & Goto A, T. (2020). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. *Psicologia Em Estudo*, 25. Recuperado de: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.45065>

Passos, I. C. F. (2012) A noção de discurso em Michel Foucault. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. PET-Ciências Sociais (Org.). *O poder em perspectiva*. Belo Horizonte: Sografe. p. 79-88.

Piva, A., Severo, A., & Dariano, J. (2007). Poder e violência - formas de subjetivação e desubjetivação. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 2, 63-77.

Portal IP. Núcleos. Disponível em: <https://www.ip.ufu.br/graduacao/psicologia/saiba-mais/nucleos>. Acesso em: 26/08/2024

Reis Filho, J. T. dos, & Firmino, S. P. de M. (2007). Clínica-escola: Desafios para a formação do psicólogo. In J. T. dos Reis Filho & V. C. Franco (Orgs.), *Aprendizes da Clínica: Novos saberes psi* (pp.49-61). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Schon, D. A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um design para o ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (2004). *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1967). Sobre o humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro.

10. Anexo

Évely da Silva Queiroz

A construção de si enquanto psicólogo nas vivências em um estágio:

um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia. Orientador: Profº. Dr. Tommy Akira Goto

Banca examinadora

Uberlândia, 07 de outubro de 2025

Profº. Dr. Tommy Akira Goto (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profª Dra. Tatiana Benevides Magalhães (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Me. Giovana Rodrigues Machado (Examinador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG